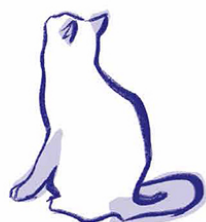




**Cunha
de
Leiradella**



**Isto não
é um
romance**



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM







Direitos de edição da obra em língua portuguesa adquiridos pela Editora Nova Fronteira Participações S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

Editora Nova Fronteira Participações S.A.

Rua Candelária, 60 · 7º andar · Centro · 20091-020

Rio de Janeiro · RJ · Brasil

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L531i

Leiradella, Cunha de

Isto não é um romance / Cunha de Leiradella. – 2. ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021.

Formato: e-book com 6.312kb

ISBN: 9786556403946

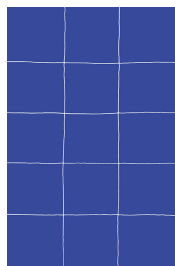
1. Literatura brasileira. I. Título.

CDD: B869
CDU: 821.134.3(81)

		Para Maria Adelaide A Brasileira de Ferro
Para dois amigos que não se conhecem O brasileiro André Saffim O português Vítor Oliveira		
	ii	
	Para Mariana Elia Que acredita	



Per un'indagine
che si può fare
per un'indagine
che si può fare



Sumário

um	1
dois	2
três	3
quatro	4
cinco	5
seis	6
sete	7
oito	8
nove	9
dez	10
onze	11
doze	12
treze	13
quatorze	14
quinze	15
dezesseis	16
dezessete	17
dezoito	18
dezenove	19
vinte	20
vinte e um	21
vinte e dois	22
vinte e três	23
vinte e quatro	24
vinte e cinco	25
vinte e seis	26
vinte e sete	27

vinte e oito

vinte e nove

trinta

trinta e um

trinta e dois

trinta e três

trinta e quatro

trinta e cinco

trinta e seis

trinta e sete

trinta e oito

trinta e nove

quarenta

quarenta e um

quarenta e dois

quarenta e três

quarenta e quatro

quarenta e cinco

quarenta e seis

quarenta e sete

quarenta e oito

quarenta e nove

cinquenta

cinquenta e um

cinquenta e dois

Leiradella e a Capitu portuguesa | Adelto Gonçalves

Sobre o autor

um

Isto não é um romance, mas também não é uma mentira.



O meu gato chama-se Tovarich.

É siamês, e está comigo há doze anos. Comprei-o com três meses, já vacinado.

Pequenininho, branquinho, uma bolinha de neve que só parava de miar quando se aninhava no bolso do meu robe.

Dormia comigo na cama, e eu adormecia embalado pelo seu contínuo ronronar.

Aos seis meses, o focinho, as orelhas, as patas e a cauda começaram a ficar acastanhadas, e meio ano depois o castanho escureceu, tornando-se quase preto.

O veterinário disse-me para nunca lhe dar banho. Os gatos não gostam de banhos. Lavam-se sozinhos. Traga-o cá uma vez por mês para fazermos a desparasitação, e cortar-lhe as unhas. Pode comprar um arranhador, mas o melhor é cortar-lhe as unhas. Os seus estofados ficam mais seguros.

Assim faço todos os meses, e vacino-o de dois em dois anos.

Vivemos sós, ninguém nos aborrece, e há muito concluímos que não é nossa função preocuparmo-nos com os outros.

Na contrapartida, também ninguém se preocupa conosco.

De tudo, só um fato me entristece. Apesar de convivemos todos estes anos, o Tovarich ainda não aprendeu a falar.

Mas a culpa não é dele. É minha. Nunca falei com ele, e nunca me preocupei em ensiná-lo.

Chamei-lhe Tovarich sem o consultar.

Sei que devia ter-lhe perguntado se gostava desse nome. Mas como também ninguém me perguntou que nome eu gostaria de ter, faço de conta que ele gosta do que lhe dei.

E assim vamos convivendo.

Eu fazendo de conta que está tudo certo, e ele continuando a dormir, a espreguiçar-se e a lavar-se, também fazendo de conta que está tudo certo nas nossas vidas.



três

Acho que o Tovarich não gosta do nome que lhe dei. Passa o dia a dormir, a espreguiçar-se e a lavar-se, e nunca atende quando o chamo.

Sei que o erro é meu. Antes de o chamar Tovarich, devia ter-lhe perguntado se gostava do nome, ou se preferia que o chamasse por outro.

Mas como também ninguém me perguntou que nome eu gostaria de ter, continuo a chamá-lo Tovarich, e ele continua como sempre. Sem me atender, a dormir, a espreguiçar-se e a lavar-se.

Eu também não gosto do meu nome. Eduardo da Cunha Júnior para mim também nada significa. Se me tivessem batizado Alaor dos Santos Guimarães ou Silvério da Silva Fortunato seria a mesma coisa.

Apenas o som do nome seria outro, e talvez eu também não gostasse dele. Por isso, sou obrigado a entender a atitude do Tovarich. Antes de nos terem dado um nome deveriam ter-nos perguntado se era esse que queríamos.

Mas não perguntaram, e agora é tarde. Quer queiramos, quer não, Eduardo da Cunha Júnior e Tovarich são os nossos nomes.

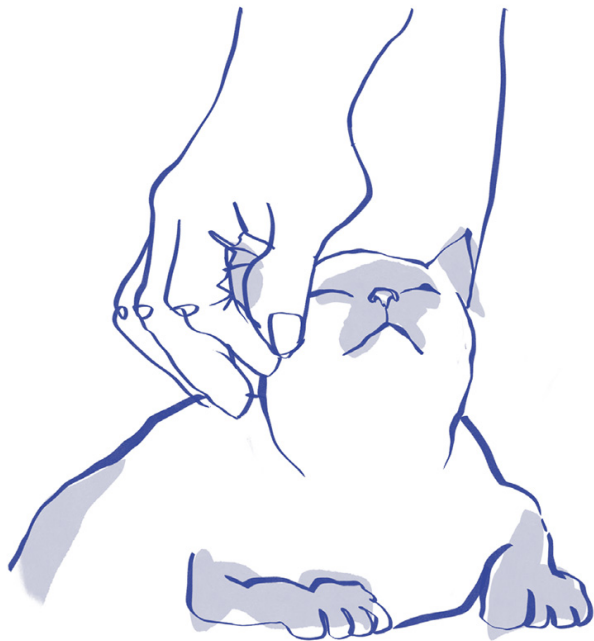
Às vezes, quando ele se espreguiça, abre a boca e me olha, eu gostaria de falar com ele.

Dizer-lhe, não o que sou agora, mas o que gostaria de ter sido. O problema é que nunca falei com ele, nunca tentei ensiná-lo, e ele nunca aprendeu a falar.

Mas mesmo que lhe dissesse o que gostaria de ter sido, de nada valeria. Não posso reverter ao passado, e mesmo que tivesse condições de o fazer, não sei se poderia ter mudado a minha vida. Fiz porque quis, ou fiz porque tive que fazer? Não sei.

Por isso, mesmo que o Tovarich aprendesse agora a falar, de nada valeria.

Já estamos velhos, e só nos resta continuar a fazer de conta que está tudo certo nas nossas vidas.



quatro

Não sou cismático, mas sei que tenho as minhas idiossincrasias.

Prefiro escutar a ter que falar, e ler a ter que escutar. E talvez por isso nunca falasse com o Tovarich, e ele nunca aprendesse a falar. Não sei.

Também não sei por que lhe chamei Tovarich em vez de Companheiro. Já tenho pensado nisso, e desconfio que lhe chamei Tovarich por ter certeza que ele não entendia russo. Nem eu.

Quando era menino gostava de ficar só. Por isso, nunca joguei berlinde,¹ brinquei de cabra-cega, joguei bola ou aprendi a dançar.

Jogar berlinde, brincar de cabra-cega, jogar bola e dançar necessitavam companhia, e a minha única companhia era eu.

Aprendi a ler, a escrever e a contar porque o meu pai me obrigou. Gostava mais de olhar a rua pela janela do meu quarto do que ir à escola, mas o meu pai é quem mandava, e tive que aprender.

Se não aprendesse, a palmatória, aquela maldita régua de cinco furos na ponta, zoava. A cada erro, cada bolo, as palmas das minhas mãos zunindo de dor, mas não chorava. Nunca chorei.

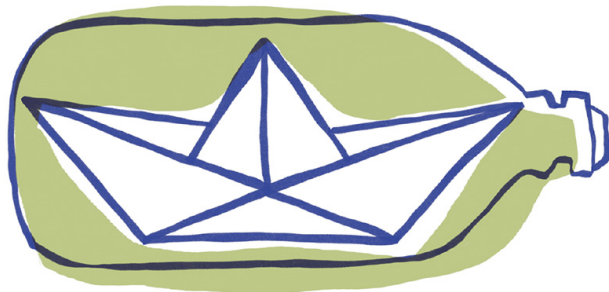
Trincava os dentes e fechava os olhos, jurando a mim mesmo que aqueles seriam os últimos bolos que apanhava da professora. Não foram.

Sempre fui um péssimo aluno, até descobrir que ler fazia-me viajar. Ao menos dentro de mim, embora odiasse dividir orações nas armas e nos barões assinalados dos Lusíadas do Camões.

E viajei em cada livro que li e ainda leio, e alguns até releio. Cada dia com mais prazer, e com mais tempo, só parando para descansar a vista quando os olhos começam a lacrimejar.

Não houve continente, ilha ou arquipélago que eu não conhecesse.

Só que sempre só, e sempre mal acompanhado.



Nota

1 Bola de gude.

Cinco

Eu e o Tovarich não nos preocupamos com os outros, mas cada um se preocupa consigo.

O Tovarich a dormir, a espreguiçar-se e a lavar-se, e eu em ver-lhe cheios os vasos da comida e da água, e a bacia da areia sempre limpa, e também atender às minhas necessidades. Que são poucas. Casa, comida, roupa lavada, e livros. Principalmente livros.

O Tovarich lava-se sozinho, e eu também me lavo sozinho. A diferença é que ele não precisa de toalhas para se enxugar, e as minhas têm que ser lavadas.

Mas isso é o de menos. O importante é que, apesar de já estarmos velhos, nunca adoecemos nem somos hipocondríacos.

Vacino-me contra a gripe uma vez por ano por precaução, e vacino o Tovarich de dois em dois anos também por precaução.

Escovo os dentes por higiene, e levo o Tovarich ao veterinário uma vez por mês para fazer desparasitação, e de seis em seis meses para fazer destartarização também por higiene.

Feito isso, o Tovarich deita-se e dorme, ou espreguiça-se e lava-se conforme lhe apetece, e eu leio. Hoje releio mais do que leio.

Tenho televisão, comprei-a pensando em fazer intervalos nas leituras, mas desisti. Liguei-a logo que chegou, mas não aguentei.

Os jornais da manhã eram repetidos ao meio-dia e à noite, e os comentaristas posavam como se fossem donos da verdade. Alguns até se davam ao luxo de preverem o futuro. De Portugal e do mundo. Tempo jogado fora.

Tenho telefone, mas também nunca o uso, a não ser para pedir algum serviço que eu não quero, ou não posso fazer.

E também não tenho amigos a não ser o Tovarich, apesar de ele nunca me atender quando o chamo.

Mas, ao menos, vivo a vida que quero. Leio e releio os livros que mais gosto.



Já me quiseram engabelar com um tal *smartphone*. Disse-me o vendedor que com ele poderia conectar-me com o mundo, e aproveitar-me, sem qualquer custo adicional, da utilidade das redes sociais.

Com o Facebook, o senhor pode interagir com os seus amigos, com o Instagram pode partilhar vídeos e fotografias, com o Twitter pode publicar mensagens, com o WhatsApp pode fazer chamadas de voz e de vídeo, com o Badoo pode ter relacionamentos amorosos, com o YouTube pode ver filmes, escutar músicas, tudo.

Não, obrigado. Desiludi-o, sei que o desiludi, mas não tinha outra opção. Com que amigos poderia eu interagir se o meu único amigo é o Tovarich?

Só que me enganei. Não o tinha desiludido.

Peço desculpa, mas gostaria de lhe mostrar, ao menos, como funciona o Facebook, a maior e a mais usada rede social do mundo. Posso?

Encolhi os ombros. Tentar vender-me aquela inutilidade era a profissão dele. Ligou-o, e mostrou-me como.

O senhor vê esta mãozinha com o polegar levantado? Se não quiser, não precisa escrever nada. Quando alguém põe uma foto, escreve alguma coisa ou faz um comentário, o senhor clica nela, indicando que gostou, e a pessoa sabe que o senhor gostou.

Com o e-mail, o senhor... Nem o deixei terminar. Não, obrigado. Não perca o seu tempo, nem me faça perder o meu. Só não lhe disse que, se alguém quisesse escrever-me, que o fizesse pelo correio.

O que os outros fazem, mandando os tais e-mails, ou amarrando-se nas tais redes sociais, não me interessava, e muito menos deve interessar aos outros o que eu faço. Há muito, eu e o Tovarich concluímos que não é nossa função preocuparmo-nos com os outros.

O vendedor deixou-me um cartão, e prometeu voltar num momento mais apropriado.

De novo sós, o Tovarich voltou à sua ocupação preferida. Dormir, espreguiçar-se e lavar-se, e eu voltei à minha.

Ler.



sete

Comprei o Tovarich há doze anos, com três meses, já vacinado. Pequenininho, branquinho, uma bolinha de neve que só parava de miar quando se aninhava no bolso do meu robe.

Quando eu tinha pouco mais da idade que correspondia aos três meses que ele tinha, sete anos, gostava de ficar só. Sempre gostei de ficar só.

Trancava a porta do quarto, deitava-me na cama e olhava as tábuas do teto. Fixamente, como se nada mais existisse à minha volta. Nem sequer o soalho ou as paredes. Nada.

E não demorava muito, elas começavam a balançar, a balançar, e iam baixando, baixando, até eu poder conversar com elas como se fossem minhas amigas. Mas o meu pai e a minha mãe chamavam-me burro quando eu lhes contava isso à mesa do almoço ou do jantar.

Quando tinha dez anos, tinha até medo de adormecer à noite só de pensar que poderia acordar no inferno. O inferno, dizia a minha mãe, era o lugar para onde iam os burros que conversavam com as tábuas do teto do quarto.

Eu não gostava que me chamassem burro, mas eles não acreditavam no que eu dizia. Só as tábuas do teto do meu quarto acreditavam. E cada vez conversava mais com elas do que com o meu pai ou com a minha mãe. Ao menos as tábuas acreditavam no que eu dizia.

Um dia perguntei à minha mãe se estava certo ela e o meu pai chamarem-me burro só porque eu dizia que as tábuas do teto do meu quarto eram minhas amigas, e eu conversava com elas. Ela disse que estava. Que as tábuas dos tetos dos quartos não conversavam, nem eram amigas de ninguém.

Não acreditei na minha mãe, mas não lhe disse. Se lhe dissesse, ela talvez não me batesse, mas o meu pai, disso tinha certeza, bateria-me. O meu pai sempre me bateu quando eu não fazia o que ele queria que fizesse.

Hoje não consigo mais falar com as tábuas do teto do meu quarto, nem com ninguém. Nem sequer com o Tovarich, porque nunca o ensinei a falar.

A culpa é minha, eu sei. Nunca devia ter contado o meu segredo ao meu pai e à minha mãe, e devia ter ensinado o Tovarich a falar.



Em julho do ano passado, estava lendo na biblioteca, quando escutei no jardim um barulho esquisito. Era um som seco e rouco, tchak-tchak-tchak, tchak-tchak-tchak, que nunca tinha escutado.

Fui à janela, e vi um filhote de pega² tentando fugir do Tovarich, e a grasnar. Estava explicado aquele tchak-tchak-tchak, tchak-tchak-tchak.

Várias vezes tentei dar-lhe pedaços de carne, de peixe, e até de omeletes.

Ração, e folhas de erva que ele escolhe com cuidado no jardim. Há doze anos que não come outra coisa. Até fazer um ano, ração úmida, depois, seca. Ambas aconselhadas pelo veterinário.

Fechei o livro, corri para o jardim, e gritei, Tovarich, Tovarich. Ele não ligou para o meu grito, e continuou a perseguir o filhote de pega por entre a relva. Peguei-o, e vi que tinha uma asa machucada. Não sangrava, nem parecia quebrada, mas ele não conseguia movê-la.

Peguei-o com cuidado, enrolei-o numa toalha e corri para o veterinário. Ele examinou-o e disse-me, tem o úmero deslocado. Vou sedá-lo, senão dói, e colocar o osso no lugar. É macho ou fêmea, doutor? Pelo tamanho, é fêmea. Os machos são maiores. Deixe-a ficar enfaixada, e daqui a um mês traga-a cá.

Chamei-lhe Minha, dava-lhe de comer com uma pinça rombuda, e de beber com um conta-gotas. Levou quatro meses para se recuperar. Comia migalhas de pão, bolo, tudo que pudesse engolir, mas o que mais gostava era da ração do Tovarich partida em pedacinhos.

Vendo-me cuidar da Minha, dar-lhe de comer e de beber, o Tovarich aproximava-se e ficava olhando para nós, os olhos azuis, amendoados, fixos na peguinha. E quando ela adormecia no meu colo, ele não se deitava na cesta onde costumava dormir. Subia para o sofá, e aninhava-se ao pé de nós, a ronronar.

Encantei-me com as cores da Minha. Branca de neve no peito e preta com reflexos azuis e verdes na cabeça, nas costas e na cauda.

E os olhos, sempre a olharem-me. No início, desconfiados, mas depois já acreditando no bem que lhe fazia.



Nota

2 Ave comum na Europa, da mesma família das gralhas.

Quando me cansava de ficar com a Minha ao colo, pousava-a no sofá, e ela, arrastando-se devagarinho, encostava-se ao Tovarich. Ele passava-lhe uma pata por cima do corpo, e lambia-lhe as penas. Aquilo assombrava-me.

Era a primeira vez que via um gato acarinhar um pássaro. Mas era um fato, e tive que aceitá-lo. E deliciava-me ver os dois, encostados um ao outro, ao pé de mim.

Por curiosidade, muitas vezes coloquei o Tovarich na frente de um espelho para ver se ele reconhecia a sua imagem. Que nada. Ele olhava para o espelho como se olhasse para um muro.

A Minha, não. Sempre que me via entrar no quarto, ia também, olhava para o espelho e meneava a cabeça. Tenho certeza que se pudesse sorrir, sorriria do que via.

Olhava a imagem refletida no espelho, pulava, meneava a cabeça, voltava a olhar, e não saía do quarto enquanto eu não saísse. Corria os três andares da casa, entrava em todos os cômodos que tivessem as portas abertas, ia para a varanda, olhava para as escadas, mas parava na porta.

Uma vez, depois do almoço, levei-a ao jardim e joguei-a para o alto. Ela voou para cima do muro, olhou a rua, olhou-me, meneou a cabeça e logo voltou, pousando nas minhas mãos. Ali era a sua casa.

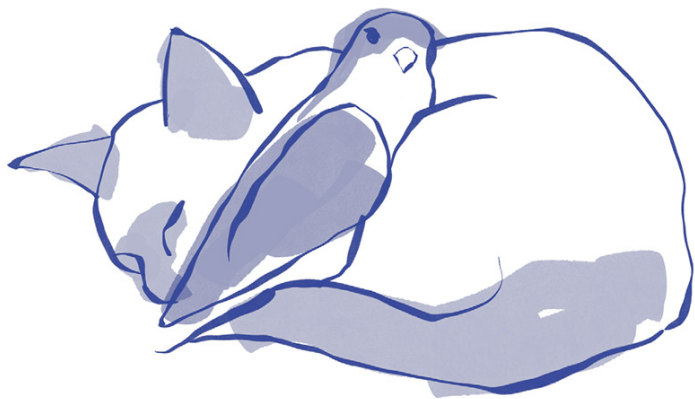
Fiquei feliz. Agora éramos três.

Não a ensinei a falar, embora soubesse que as pegas conseguiam falar. Não seria justo. Se não tinha ensinado o Tovarich, ensinar a Minha seria debochar dele. E debochar de um animal que não pode retrucar, para mim é crime. Debochar, a gente deve debochar de quem pode se defender nos mesmos termos.

Nunca debochei de ninguém porque nunca me preocupei com os outros. Não me interessa quem eles são, o que fazem ou o que dizem.

Preocupo-me com o Tovarich e com a Minha. Não falam comigo, eu também não falo com eles, mas nos sentimos.

A nossa presença nos basta.



Só saio de casa para comprar comida, livros e outras necessidades, para mim, para o Tovarich e para a Minha.

Não cumprimento ninguém, e ninguém me cumprimenta. Não conheço ninguém, e também ninguém me conhece. Vivo nesta casa desde que nasci, mas é como se vivesse no deserto. Nada viceja à minha volta.

Fiz um curso superior porque o meu pai quis que o fizesse.

Rapaz, forma-te, dizia-me ele. Forma-te. Em Portugal, quem não tem um Dr. antes do nome não é nada. Forma-te, que os teus filhos hão de agradecer-te.

Eu olhava-o e não dizia nada. Para ele, agora eu já não era o burro que falava com as tábuas do teto do meu quarto. Para ele, agora eu era o único capaz de pôr um Dr. no nome da família.

Licenciei-me em Filosofia, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, só porque gostava de ler. História, só para decorar nomes, datas, heroísmos e milagres, não me interessava.

Chegavam e sobravam os que tive que decorar no liceu.³

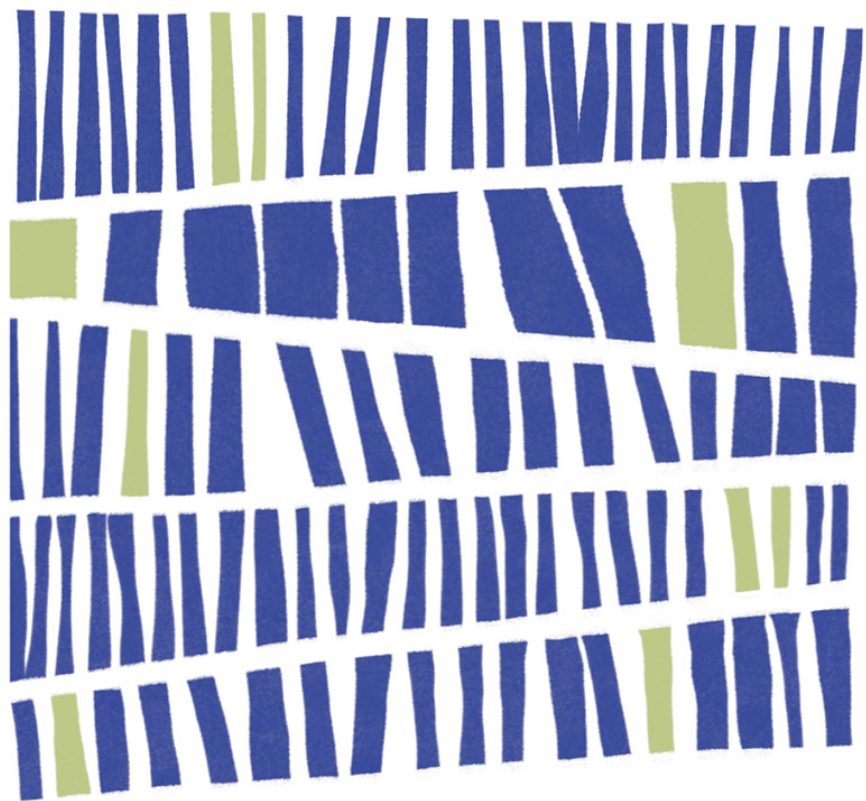
Só que nunca nenhum professor me disse que o milagre de Ourique, Cristo aparecendo a D. Afonso Henriques antes da batalha lhe dizendo, *IN HOC SIGNO VINCES*, com este sinal vencerás, e que uma velha padreira nunca tinha matado sete castelhanos com uma pá, ajudando assim D. João I a vencer a batalha de Aljubarrota, eram mentira, e que D. Sebastião I, o Desejado, o que desapareceu em Alcácer-Quibir, lá em Marrocos, era misógino.

Ou que a rainha D. Carlota Joaquina chegou ao Brasil de turbante para esconder o cabelo rapado, infestado de piolhos, e ia para a cama até com os palafreiros das cavalaria reais.

Quando li, e só para saber, não toda a verdade, mas a verdade possível, a História real sem glorificações inventadas, amaldiçoei as mentiras que me obrigaram a decorar no liceu.

Os reis, as rainhas, e os heróis, a maior parte destes fabricada, nada tinham de supremos. Não passavam de pessoas iguais a qualquer outra.

Apenas se sentavam em tronos, ou se erguiam em pedestais.



Nota

3 Como se designava o Ensino Médio em Portugal. Hoje é chamado de secundário.

Licenciei-me em Filosofia, como poderia ter-me licenciado em Direito, Engenharia ou Medicina. O Dr. antes do nome nada me dizia, e nunca exerci nenhuma profissão.

Sou, no conceito dos puristas que tomaram assento na Assembleia Nacional, e ainda tomam na Assembleia da República, um parasita social. Só que com uma diferença. Ao menos não sou pago com dinheiro público para fazer de conta que trabalho.

O meu pai era comerciante de produtos alimentares por atacado, e contrabandista de volfrâmio durante a Segunda Guerra Mundial. Comprava-o por dez réis de mel coado aos vigilantes das minas, ou a quem o conseguia roubar dos armazéns, e contrabandeava-o para a Espanha.

Isto, apesar de ser considerado um cidadão exemplar, um honesto diretor da Associação Comercial, um bom marido, um bom pai e acima de tudo um ferrenho defensor da ordem constituída.

Enriqueceu mais com o volfrâmio do que com os produtos alimentares, ele mesmo o dizia aos amigos que também enriqueceram com o contrabando do minério. Gabavam-se disso, acendendo cigarros e charutos com notas de cem escudos, bebericando cálices de vinho do Porto.

Terminada a guerra e o contrabando do volfrâmio, voltou a ser o que era. Um honrado, no dizer dos amigos, comerciante de produtos alimentares por atacado, e no dizer dele, um honesto diretor da Associação Comercial.

Vendeu a empresa alguns anos depois e passou a viver de rendimentos. O honrado comerciante de produtos alimentares por atacado passou a ser um ainda mais honrado capitalista reformado.

A minha mãe, que nunca entrava na sala onde se acendiam cigarros e charutos com notas de cem escudos, era uma beata obcecada. Rezava o terço com as empregadas todas as noites e ia à missa e comungava todos os dias, sempre a dizer, vai-te mundo, cada vez pior.

Nunca soube se acertou no prognóstico. O que se passava fora das paredes do meu quarto nunca me interessou.



Fui dispensado do serviço militar. O porquê, não sei. Nunca perguntei. Era-me indiferente. Estudante ou militar, a minha vida seria a mesma. Seria sempre eu comigo mesmo.

Com a morte do meu pai, algumas coisas mudaram dentro da nossa casa. Para mim, nenhuma. Já não conversava com as tábuas do teto do meu quarto, mas ele ainda era o centro do meu mundo. Lá dentro estava tudo que era meu. Eu.

Para a minha mãe mudaram muitas. Já podia abrir as cartas que chegavam, já podia viajar sem ter que pedir licença ao marido, e a hora de deitar já não era obrigatória às dez da noite, com o meu pai a verificar se as portas e as janelas estavam todas bem fechadas.

Feito o enterro e aberto o testamento, a minha mãe fez questão que eu assistisse, nenhuma novidade. Ela herdava todos os bens, menos alguns contos de réis doados à Associação Comercial com a condição de ela afixar na sala das reuniões um retrato do meu pai.

O notário encarregou-se de notificar a Associação, só não sei e nunca me interessou saber se o retrato foi afixado.

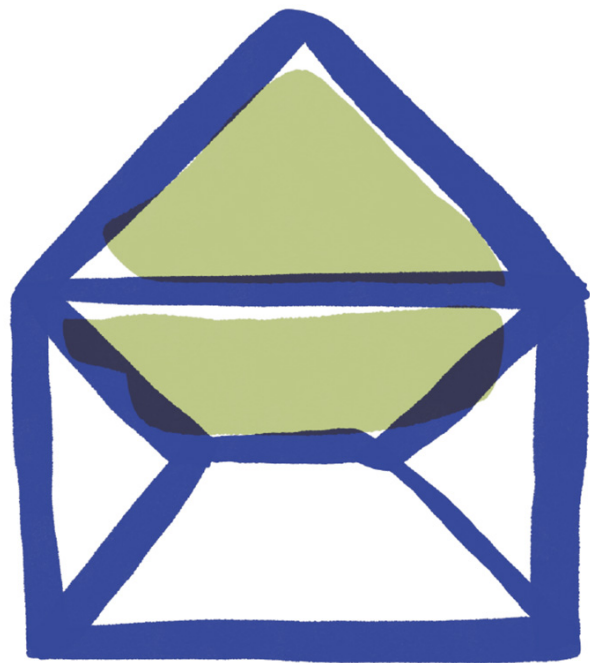
Os amigos do meu pai deixaram de ir à nossa casa, não havia mais cálices de vinho do Porto, e a minha mãe nunca verificou se as portas e as janelas estavam bem fechadas. Fechou-as todas, menos a porta da rua.

A nossa casa passou a ser um mausoléu. A minha mãe e as empregadas vestidas de preto, mal falando umas com as outras, e se falavam, faziam em voz baixíssima, e até na hora do café e do almoço se acendiam os candelabros da sala.

Os terços continuaram a ser rezados todas as noites, apenas com uma diferença. Eu já não participava das rezas. A minha mãe disse-me que era um pecado eu não rezar junto com ela e as empregadas, mas resignou-se quando eu lhe disse, mãe, o pai nunca rezou. E continuei a fechar-me no meu quarto mal acabava de jantar.

Licenciei-me um ano depois da morte dela, e até hoje vivo de rendimentos.

O único benefício que recebi do honesto diretor da Associação Comercial.



treze

Soube do 25 de Abril⁴ pelo estrondar dos foguetes, carros buzinando e por um alto-falante que berrava na casa de um vizinho, *Liberdade!, Liberdade!, Viva a liberdade!*, seguido de um canto solo, depois acompanhado por um coral, com um fundo musical parecendo soldados a marchar, *Grândola, vila morena,/ Terra da fraternidade/ O povo é quem mais ordena,/ Dentro de ti, ó cidade.*

Já não lembro que livro relia naquele dia, mas devia ser a *Viagem ao fim da noite*, de Céline. Já tinha entrado nos quarenta, e a minha noite já ia longa.

Para quem aos dez anos tinha medo de adormecer à noite só de pensar que poderia acordar no inferno, porque o inferno era o lugar para onde iam os burros que conversavam com as tábuas do teto do quarto, aos quarenta anos a minha noite já era uma longuíssima noite.

Não fui à janela ver o que estava acontecendo. O que acontecia fora das paredes da minha casa nunca me interessou. Cada um é cada um, e cada um sabe de si. Quando começa a querer saber dos outros, deixa de saber dele.

Só quinze dias depois soube que Portugal tinha mudado naquela manhã de 1974. Para o bem de todos nós, disse-me o meu livreiro, radiante, mostrando-me uma folha de papel. Leia. Leia isto, e veja. Li.

Meus senhores, como todos sabem, há diversas modalidades de Estado. Os estados sociais, os corporativos, e o estado a que chegamos. Ora, nesta noite solene, vamos acabar com o estado a que chegamos! De maneira que, quem quiser vir comigo, vamos para Lisboa e acabamos com isto. Quem for voluntário sai e forma. Quem não quiser sair fica aqui!

Sabe quem disse isto?, perguntou-me quando lhe entreguei a folha de papel. Foi um capitão, o capitão Salgueiro Maia, em Santarém. E olhe que nenhum soldado, nem sequer um, deixou de ir com ele para Lisboa. Este homem salvou Portugal. Hoje já temos a liberdade de dizer o que pensamos.

A alegria do meu livreiro era tanta que não tive ânimo de lhe dizer o que pensava. Ninguém salva ninguém, e muito menos um país.

Nem os heróis, mesmo quando são autênticos.

Nota

4 Revolução feita no dia 25 de abril de 1974 pelos capitães das Forças Armadas que derrubou a ditadura salazarista e que ficou conhecida como Revolução dos Cravos.

quatorze

Hoje, com o termômetro da janela do meu quarto a marcar um grau, o Tovarich e a Minha vieram dormir na minha cama. O Tovarich por baixo das cobertas, e a Minha aninhada ao pé da almofada.

Sempre dormiram no meu quarto, ambos deitados na poltrona, ao pé da janela. Mas dormir na minha cama, o Tovarich por baixo das cobertas e a Minha aninhada ao pé da almofada, foi a primeira vez. E isso tocou-me fundo.

Só não sei por quê, mas acho que ando um tanto ansioso. Que eu sinta, a minha rotina em nada mudou. Ontem, com o Tovarich e a Minha aninhados no meu colo, o aquecedor da biblioteca ligado, seroei como sempre.

Um cálice de porto Cálem, e um livro. Releitura de *Um amor feliz*, de David Mourão-Ferreira. A mística daquela personagem Y, com os olhos *mais que verdes, mais que azuis*, fascinava-me. De tão pura e sublime, só podia ser real.

Já era a terceira ou quarta vez que relia *Um amor feliz*, e sempre com a mesma satisfação. *Um amor feliz* é um romance que me toca. São raros os romances de amores felizes bem escritos. Literatura de qualidade. Só que de repente, e sem querer, parei de ler.

Um pensamento, que no princípio me pareceu absurdo, mas não era, acabrunhou-me. E se um dia a Minha me deixasse? Levantasse voo de alguma das janelas, da varanda ou do jardim, e sumisse da minha vida? Ou se o Tovarich morresse de repente?

Fechei o livro num gesto brusco, e olhei-os. A Minha, aninhada no meu colo, e o Tovarich ronronando ao lado dela. Não. Não pode ser, quase gritei, aturdido com a possibilidade de tal acontecer.

A Minha e o Tovarich eram os meus únicos amigos, e só de pensar que poderia ficar sem algum deles, fiquei atordado.

Nunca tive fé. Confessava-me todos os meses e todas as sextas-feiras da Quaresma, mas sempre mentindo ao confessor, e comungava porque a minha mãe me obrigava. E os terços que ela também me obrigava a rezar todas as noites junto com as empregadas, não os rezava.

Fazia de conta que os rezava, bichanando de cabeça baixa palavras sem nexos, impaciente para que aquele martírio terminasse.

Mas ontem pedi a Deus que a Minha e o Tovarich nunca me deixassem.



quinze

Desde que viu a sua imagem refletida no espelho do meu quarto pela primeira vez e se olhou, meneando a cabeça, a Minha não passava um dia sequer sem ir olhar-se no espelho. Primeiro comigo, e depois sozinha. Eu adorava vê-la olhar-se no espelho, coquete como uma miss.

Muitas vezes fui pé ante pé atrás dela, só para a ver olhar-se no espelho. Um dia, o Tovarich acordou no sofá onde costumava aninhar-se, e foi atrás de mim. A Minha olhava-se no espelho, e ele aproximou-se e roçou a cabeça nas penas dela.

A Minha não se mexeu, o Tovarich deitou-se, e ali ficaram ambos. A Minha a olhar-se no espelho e a menear a cabeça, e o Tovarich, deitado, dormindo. Ou fazendo de conta que dormia.

Daquele dia em diante, sempre que a Minha ia para o meu quarto, o Tovarich ia atrás dela. Só que não olhava para o espelho. Olhava para a Minha. A imagem que via refletida no espelho nada lhe dizia.

Éramos três, e éramos amigos. Cada um à sua maneira, mas éramos inseparáveis. Então por que esta minha súbita ansiedade? Raras vezes penso na morte, e quando penso, penso nela como um rito de passagem.

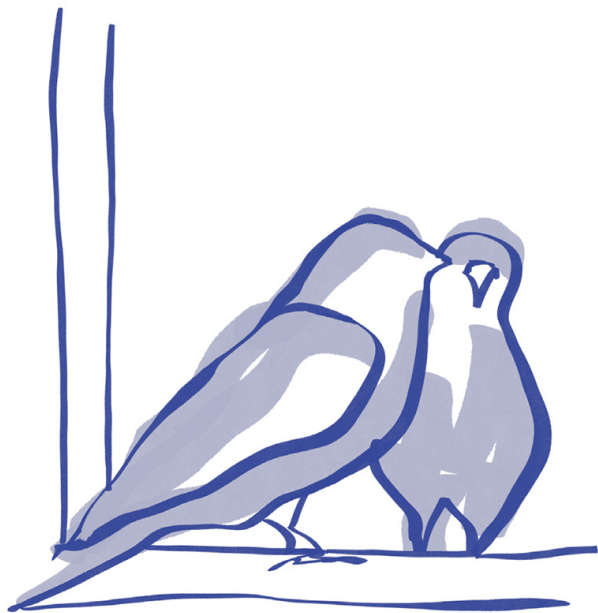
Sem ajudantes, e sem guias. Um sono do qual não acordarei. E se acordar, não saberei onde. Não faço a mínima ideia do que possa ser um inferno ou um paraíso extraterrenos.

Não. A minha ansiedade não provinha disso. Mas também, pela lógica, não podia advir do medo que a Minha ou o Tovarich me deixassem. Já tinha levado a Minha ao jardim e jogado para o alto, ela tinha voado para cima do muro, tinha olhado a rua, mas logo voltou, pousando nas minhas mãos.

Ali era a sua casa.

Não. A minha súbita ansiedade não provinha disso. Então por que este mal-estar se na minha vida, na do Tovarich e da Minha, nada tinha acontecido?

Não sei.



dezesseis

Chamava-se Beatriz, todos os colegas da escola lhe chamavam Bia, e um dia perguntou-me, não queres brincar comigo? Não lhe respondi. Nunca tive coragem de falar com ela.



dezessete

Licenciei-me em Filosofia só porque gostava de ler, não porque gostasse de Filosofia. Quando peguei o meu diploma de licenciado, o meu conceito de Filosofia era este, e acho que não muito anacrônico frente à realidade que me cercava dentro da minha casa.

Uma sabença com a qual ou sem a qual a gente fica sempre tal e qual.

O que ontem foi afirmado hoje é desmentido, e o que hoje se afirma amanhã também será desmentido. A verdade absoluta não existe. Existe apenas a verdade de cada um.

Um dos poucos conceitos que ainda me lembro, e que tenho certeza nunca será desmentido, é este. *O homem é a medida de todas as coisas, das coisas que são, enquanto são, das coisas que não são, enquanto não são*, já que Sócrates nunca escreveu o famoso, *só sei que nada sei*, embora soubesse muito mais do que os juízes que o julgaram e condenaram.

Escreveu-o Protágoras de Abdera, no século V a.C., e parafraseando o *homem é a medida de todas as coisas*, sou eu o juiz daquilo que é, e daquilo que não é. Daquilo que quero, e daquilo que não quero.

Não sou nem bom, nem grande leitor de poesia, mas José Régio estava certo. *Não sei por onde vou,/ Não sei para onde vou/ Sei que não vou por aí!*

Mas então por que esta ansiedade, se eu vou por onde quero, se a minha rotina em nada mudou, e sou eu o juiz daquilo que quero e daquilo que não quero?

Por que, embora seja eu o juiz daquilo que quero e daquilo que não quero, não posso mudar aquilo que sou? Não sei.

Fisicamente sinto-me como sempre me senti. Bem. A Minha e o Tovarich continuam a aninharem-se no meu colo, e o que acontece fora das paredes da minha casa em nada me afeta.

Nunca me afetou, e continua não me afetando.

Sendo isto um fato, então por que este desconforto indefinido? Continuo não sabendo.

Não sabendo ou não querendo saber? Não sei.



dezoito

Hoje amanheceu a chover, e a chuva e um nevoeiro cerrado encobrem tudo. As casas do outro lado da rua mal se veem, mas a chuva nunca me deprimiu.

Pelo contrário. Nada mais me agrada do que ver a água descendo encordoadas pelos vidros das janelas, e saber que não pode molhar-me. Nem a mim, nem ao Tovarich, nem à Minha.

Sempre gostei da chuva. O meu pai e a minha mãe, não. O meu pai, dizia ele, porque lhe prejudicava os negócios, e a minha mãe, sabia eu, porque quando chovia demais o meu pai dizia-lhe que não fosse à missa. E ela não ia. Mas à noite tirava a diferença. Os terços rezados com as empregadas e comigo eram dobrados.

Apesar de nunca os rezar, só bichanando de cabeça baixa palavras sem nexos, e o meu martírio ser duplicado, eu gostava da chuva. Chegava da escola molhado, mesmo levando guarda-chuva, e logo que trocava de roupa não ia para o meu quarto apesar de ele ser o meu mundo.

la para o sótão, abria uma das trapeiras e ficava olhando os pingos caírem e ressaltarem nos paralelepípedos da rua. O meu quarto ficava no segundo andar, e as janelas não me deixavam ver os pingos ressaltarem nos paralelepípedos.

Dizia a minha mãe que a chuva eram as lágrimas de Nossa Senhora de Fátima a chorar pelos pecados do mundo. Podiam ser, mas eu não acreditava.

Se fossem lágrimas, não ressaltariam nos paralelepípedos da rua como se pulassem de alegria. Escorreriam como se estivessem a chorar.

Nunca disse à minha mãe que os pingos ressaltavam como se pulassem de alegria. Se dissesse, ela não me bateria, nunca me bateu, quem sempre me batia era o meu pai, mas chamar-me-ia burro, como sempre chamava quando eu dizia que falava com as tábuas do teto do meu quarto.

Mas era verdade. Eu falava com elas.

Há anos que não subo ao sótão, e já nem sei o que tenho lá guardado. Não deve ser muita coisa. Quando o meu pai e a minha mãe eram vivos, enchiam-no de tralhas velhas. Quem guarda o que não presta tem sempre o que precisa, dizia a minha mãe.

Nunca acreditei nisso. Não porque não pudesse ser verdade, mas porque era a minha mãe que o dizia. Ela também dizia que eu era burro, e eu nunca fui burro.

Continua a chover, e o nevoeiro é cada vez mais denso, mas não me

importo. Tenho o aquecedor da sala ligado, a Minha e o Tovarich estão no meu colo, aconchegados um ao outro. Felizes.

A Minha olha-me e meneia a cabeça, e o Tovarich espreguiça-se e começa a lavar-se. Não me apetece fazer nada, nem sequer ler, e continuo a olhar a chuva, agora já encharcando o jardim.

Preciso mandar desentupir os bueiros.

dezenove

Hoje não toco mais, mas comecei a tocar guitarra, a nossa guitarra portuguesa, quando andava no liceu. No quinto ano. Nunca imaginei que tivesse ouvido musical, mas quando escutei um colega dedilhar a guitarra dele num banco do jardim em frente ao liceu, encantei-me com aquele som.

Na minha casa o rádio só servia para o meu pai escutar as notícias, e a minha mãe os folhetins.

Não conhecia as músicas que ele tocava, mas às vezes parecia-me escutar algumas dissonâncias num ou noutro acorde. Não lhe dizia nada, mas aquelas músicas soavam no meu cérebro de uma maneira diferente. E ia-me embora, assobiando-as como eu entendia que deveriam ser tocadas.

O meu pai não me quis comprar uma guitarra, e eu não insisti. Sabia que não valia a pena. Quem mandava era ele.

Um primo da minha mãe que tinha andado por Coimbra deu-me a dele, ensinou-me a afiná-la, ensinou-me as escalas e a tocar alguns acordes. Morreu meio ano depois, antes de poder escutar as minhas primeiras variações.

Um dia sentei-me ao pé do colega no banco do jardim onde ele sempre tocava e perguntei-lhe se podia tocar com ele. Comecei umas Variações em Lá Menor, mas ele não quis acompanhar-me. Tu tens a tua maneira de tocar, eu tenho a minha. E levantou-se, e foi-se embora.

Fui tocar para o meu quarto. Quem sabe as tábuas do teto do meu quarto me escutariam? Até hoje não sei se elas me escutaram, mas passei dias e dias a tocar. A fazer e a refazer, mais a refazer do que a fazer variações.

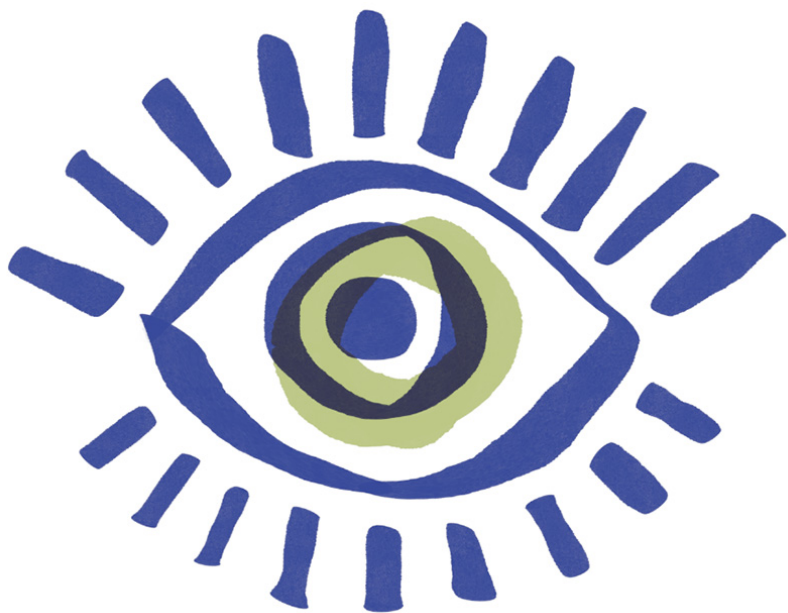
Ainda estava olhando a chuva batendo nos vidros da janela quando senti uma bicada da Minha num tornozelo. Olhei-a, ela olhou-me e meneou a cabeça. Queria que me sentasse no sofá e a pusesse no colo.

Sentei-me, acariciei-lhe a cabeça, o Tovarich espreguiçou-se, lavou-se e aninhou-se também ao lado dela.

E ali ficamos. A Minha e o Tovarich dormindo, ou fazendo de conta que dormiam, e eu a pensar nos olhos *mais que verdes, mais que azuis* da Y de David Mourão-Ferreira.

Fizeram-me lembrar uns olhos verdes. Não *mais que verdes, mais que azuis*.

Só verdes.



Sempre fui um recluso, fechado dentro de mim mesmo.

Se aos sete anos o meu pai e a minha mãe chamavam-me burro por eu dizer que conversava com as tábuas do teto do meu quarto como se elas fossem minhas amigas, e aos dez tinha medo de adormecer à noite, só de pensar que poderia acordar no inferno, porque o inferno, dizia a minha mãe, era o lugar para onde iam os burros que falavam com as tábuas do teto do quarto, aos dezesseis, se já não conversava mais com elas, também ainda não conseguia aproximar-me de ninguém.

Nem do meu pai, nem da minha mãe, embora para eles eu já não fosse aquele burro que tinha sido, nem dos meus colegas, apesar de conviver com eles desde o primeiro ano do liceu. Ainda nenhum deles falava comigo, e eu também não falava com eles.

A única vez que falei com um foi quando perguntei ao que tocava guitarra no banco do jardim em frente ao liceu se podíamos tocar juntos umas Variações em Lá Menor, e ele me disse, tu tens a tua maneira de tocar, eu tenho a minha.

O que ele disse magoou-me. Não porque ele tocasse à maneira dele, e eu à minha, mas porque ele não me deixou aproximar, e o que eu mais queria era poder conversar com alguém.

Enturmar-me. Ser igual aos outros, e fazer o que todos eles faziam. Ir ao café aonde eles iam, conversar e rir junto com eles. Se conseguisse fazer isso, tenho certeza que eu e a minha vida mudaríamos.

Mas aquele tu tens a tua maneira de tocar, eu tenho a minha, ainda mais me afastou de todos eles. Entrava na sala de aula, sentava-me na minha carteira e não olhava para ninguém. Tanto no liceu como em casa, era só eu comigo mesmo.

Quando ele se levantou e foi-se embora, fui para casa, e naquela tarde não toquei. Só toquei à noite, ainda pensando se tinha valido a pena ter aprendido a tocar para poder ser aceito ao menos por um dos meus colegas.

Também não chorei. Nunca tinha chorado, nem quando a palmatória da professora zunia nas minhas mãos, nem quando o meu pai e a minha mãe me chamavam burro por lhes dizer que falava com as tábuas do teto do meu quarto, mas fiquei triste.

Muito triste. O meu sonho de me enturmar tinha-se esvaído.

vinte e um

Nunca soube por que era um recluso.

Medo do meu pai e da minha mãe? Não. Para mim eles só existiam porque me chamavam burro, e eu não era burro.

Culpa das tábuas do teto do meu quarto? Também não. Com elas eu conversava, e contava-lhes o meu maior segredo. A inveja que tinha de não ser igual aos colegas da escola, que pulavam, gritavam e corriam atrás das meninas, e elas gostavam que eles corressem atrás delas.

A primeira vez que uma passou por mim, me estendeu a mão e perguntou, não queres brincar comigo?, eu não pude nem responder-lhe. A minha garganta apertou, a boca ficou seca e nenhuma palavra saiu. Espantada com o meu silêncio, ela olhou-me, fez um gesto de desdém com a cabeça, e foi brincar com os outros.

Muito me doeu aquele gesto, de tanto que eu queria pegar na mão dela, correr e brincar com ela. Mas estava rígido, a garganta a doer de tão apertada, incapaz de formular uma palavra, apesar de só querer dizer-lhe, o que mais quero é brincar contigo.

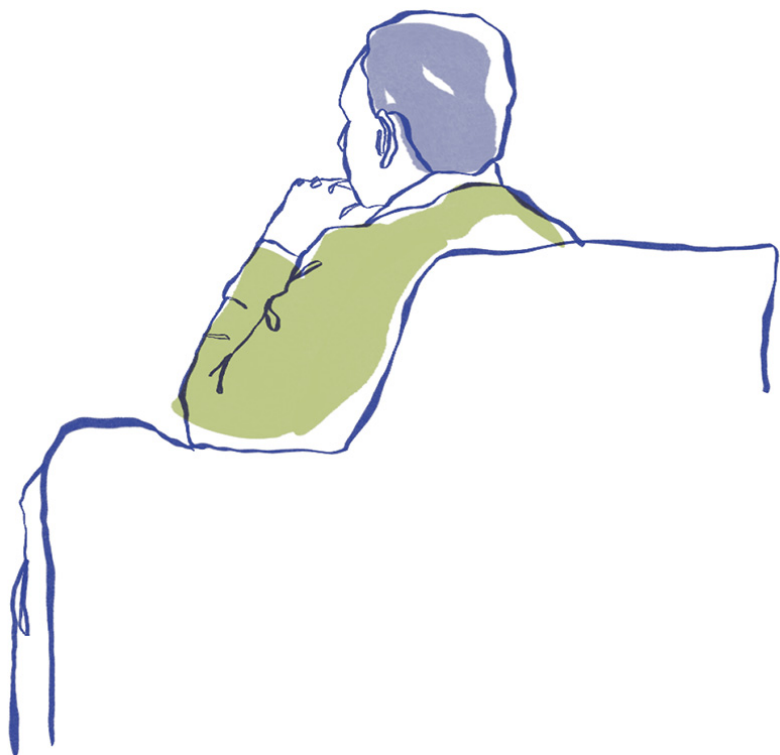
Na aula, só ficava olhando as tranças loiras, e se por acaso ela se voltava e me olhava, parecia que aqueles olhos verdes ficavam ainda mais verdes. Fiquei tristíssimo quando deixei de a ver depois de passarmos no exame da quarta classe. Ela indo para outra cidade, e eu ficando na minha.

Mas nunca consegui esquecê-la. Não por ela ter ido brincar com os outros, mas por não conseguir dizer-lhe o que sentia.

Sinto a Minha mexer-se, abro os olhos, e ela pula para o chão. Ou ia bicar um pouco de comida, beber água, ou ia para o meu quarto olhar-se no espelho. Devagar, com o máximo cuidado, para não o acordar, coloquei o Tovarich no sofá, e fui atrás dela.

Estava no meu quarto, a olhar-se no espelho e a menear a cabeça. Sei que não posso, mas gostaria de ser como a Minha.

Ficar feliz só por ver a minha imagem refletida no espelho.



vinte e dois

Hoje almocei uma omelete de cebola. Gosto de omeletes de cebola. Não sei se o Tovarich e a Minha almoçaram. Devem ter almoçado, estão sempre petiscando no vaso da ração. Há muito que comem e bebem nos mesmos vasos.

Quem começou foi a Minha. Logo que se recuperou do machucado da asa, não precisei mais partir a ração do Tovarich em pedacinhos. A Minha preferiu comê-la inteira.

A única coisa que o Tovarich não deixava a Minha fazer era pular dentro da bacia da areia dele. Sempre que ela pulava, ele corria, miava zangado, e empurrava-a para fora. Aquela bacia era dele.

A Minha olhava-o, olhava a bacia, e se não estivesse chovendo ia para o jardim. Se a porta estivesse fechada, as necessidades eram feitas dentro de casa.

Arranjei uma bacia para ela. A do Tovarich era vermelha, a da Minha foi amarela. De um amarelo vivo, brilhante. Ela olhou-a, meneou a cabeça, e quando o Tovarich entrou na bacia dele ela pulou para a dela e fez o mesmo. Só não cobriu as necessidades com a areia.

Terminou, pulou fora, e saiu pela área de serviço de cabeça erguida, sem olhar nem para mim, nem para o Tovarich.

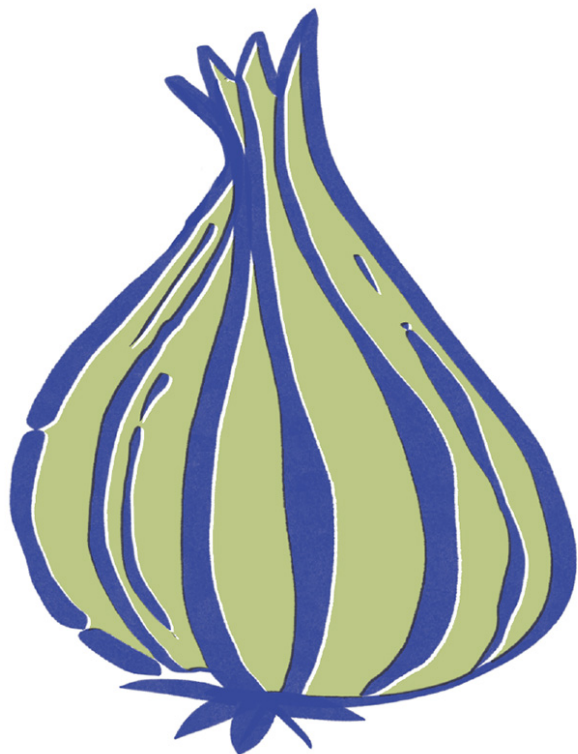
A chuva amainou, o nevoeiro levantou e um sol envergonhado começa a aparecer. Estamos os três, a Minha a pular em redor do aquecedor, a grasnar tchak-tchak-tchak, tchak-tchak-tchak, e o Tovarich deitado no tapete, a olhar para ela com os seus olhos amendoados, de um azul puro, límpido como um céu pintado à mão.

Talvez daqui a pouco se cansem e se deitem no meu colo como sempre fazem quando me sento na poltrona.

Pego o livro, mas não me apetece ler. Ainda estou longe do fim da releitura de *Um amor feliz*, mas, não sei por quê, não tenho vontade de ver agora os olhos *mais que verdes, mais que azuis* da Y saciarem-se de prazer no atelier do escultor.

Felicidade não é saciedade. Rimam, mas não se sinonimizam.

Ninguém é feliz. Apenas se está feliz.



vinte e três

Para se ter paz não se deve brigar com quem tem acesso à nossa escova de dentes, ou ao nosso colutório. Como a Minha e o Tovarich não escovam os dentes nem fazem gargarejos higiênicos, eu tenho paz.

A chuva parou de madrugada, só uma ligeira névoa restava pela manhã, mas a água empoçada já cobria a relva do jardim. Telefonei ao picheleiro, ele veio passada meia hora e desentupiu os bueiros.

É quase meio-dia, o sol já secou a grama molhada, e eu ouço o tchak-tchak-tchak, tchak-tchak-tchak da Minha lá fora. Sentado na soleira da porta, o Tovarich olha-a enquanto se aquece ao sol.

Há paz na minha casa.

Aprendi a tocar guitarra porque descobri que tinha ouvido musical quando ouvi um colega dedilhar a guitarra dele num banco do jardim em frente ao liceu, e porque me pareceu ser a única maneira de poder aproximar-me e conviver com os outros.

Quando me sentei pela primeira vez naquele banco e o ouvi tocar, e não tive coragem de falar com ele, ainda me doía a lembrança de não ter podido responder àquela colega da escola primária que me estendeu a mão e perguntou, não queres brincar comigo?

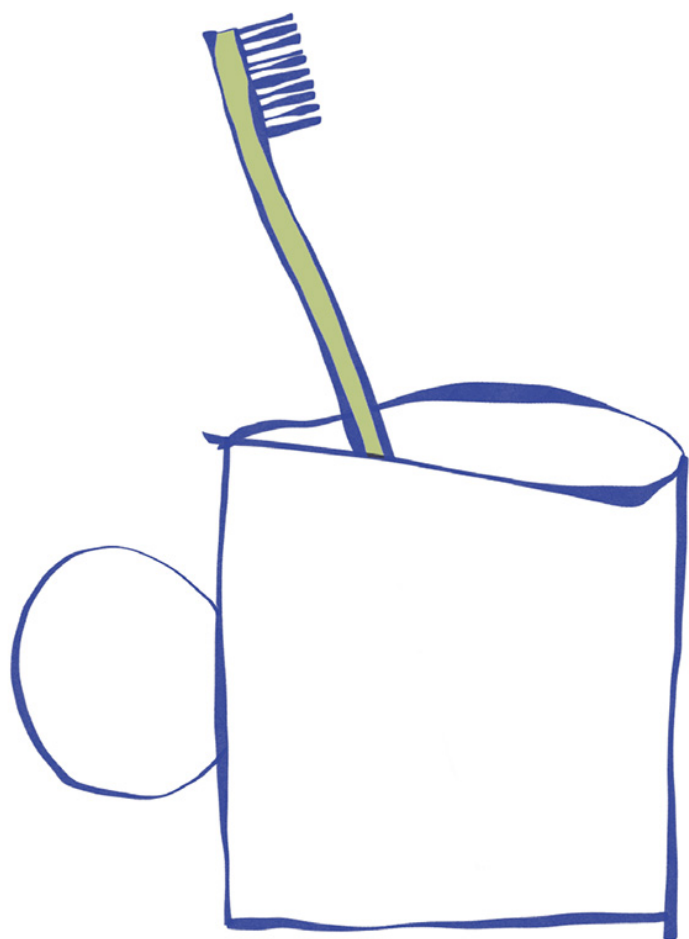
E a lembrança doía ainda mais quando revia o gesto de desdém que ela fez com a cabeça, e foi brincar com os outros. Se já era retraído, ou burro, como diziam o meu pai e a minha mãe, mais inibido fiquei.

A professora chamava-lhe Beatriz, mas todos a conheciam por Bia. Eu achava-a a mais linda de todas as colegas. Loira, de olhos verdes, sempre a sorrir-se e a brincar.

Por que não peguei na mão dela, não lhe respondi, quero, e não fui brincar com ela, se era isso o que mais queria?

Não podia, ao menos, pegar na mão dela, ou ir brincar sem dizer nada? Podia. Mas não o fiz, e é nisso que penso agora, ao olhar a Minha pular na grama do jardim, e o Tovarich, sentado na soleira da porta, a olhar para ela, a esquentar-se ao sol.

Só que pensar no que devia ter feito e não fiz não redime o que fiz e não devia ter feito.



vinte e quatro

No primeiro ano do liceu espantei-me com muitas coisas, mas quem me assombrou mais foi o professor de Português. Não ensinava. Mandava aprender, e sem admitir sequer a mais inocente das perguntas.

Prestem atenção no emprego das conjunções adversativas. São muitas, mas estas são as mais importantes. A lua é redonda. Mas, porém, contudo, todavia, por causa das suas fases nem sempre a podemos ver redonda. Repararam? Quatro conjunções, uma para cada fase da lua.

Eu nunca tinha lido, seguidas numa mesma frase aquelas conjunções, e já naquela altura lia mais do que vivia. Espantado, levantei a mão. Senhor professor... Cale-se, foi a resposta.

Nunca mais fiz qualquer pergunta em sala de aula. Nem no liceu, nem na faculdade. Sempre passei com a média mínima e licenciiei-me raspando a linha de água. Só estudava porque o meu pai dizia que sem um Dr. antes do nome, em Portugal, eu nunca seria alguém.

Licenciei-me. Mas a minha licenciatura só serviu, e uma única vez, para me espantar. Isto já com setenta anos, quando resolvi usar cheques. Até então era a velha Caderneta da Caixa Geral de Depósitos.⁵

Não sei porquê, abri a conta num banco particular. Talvez pelo colorido do letreiro, ou do uniforme da atendente, já não lembro. E me assombrei quando ela me perguntou, como o senhor deseja os seus cheques? Como? Normais.

Ela olhou-me e sorriu. Sim, mas que nome o senhor deseja que coloque? O meu. Eu sei que é o do senhor. Mas de que maneira deseja que o coloque?

Depois de muitos minutos de uma conversa cheia de pausas e de espantos em crescendo, chegamos ao final do imbróglio.

É que, disse-me ela, se o senhor for licenciado, eu sou obrigada a colocar, e escreveu no bloco notas, Dr. Eng., Adv., o que for, antes do seu nome. Se não o fizer, há clientes que reclamam. Sou analfabeto. Mal sei assinar o meu nome. E o cartão de débito? Já lhe disse. Sou analfabeto, não quero nenhum.

Passados dias, recebi em casa, pelo correio, os cheques sem nenhuma abreviatura obtusa antes do meu nome. Só Eduardo da Cunha Júnior.

A Minha saltou do meu colo, espantada, e o Tovarich abriu os olhos e afilou as orelhas, quando escutaram a minha gargalhada. Há anos, há muitos, que não ria com tanto gosto e ainda maior vontade.

Portugal é um país mais do que surrealista. Até nos cheques tem licenciados.

Nota

5 Banco semelhante à Caixa Econômica Federal no Brasil.

vinte e cinco

Nunca li o Manifesto do Partido Comunista. Nem quando circulava de mão em mão na Faculdade, em edições clandestinas. Nunca me interessei por política. Fazer de conta que trabalho para salvar a pátria pago por dinheiro público nunca fez parte das minhas idiossincrasias.

Mas gosto de uma frase que, embora nunca soubesse quem a disse, parafraseou um dos seus parágrafos. *Tudo que é sólido desmancha no ar.*

Faz-me lembrar a queda da cadeira do Salazar, do Muro de Berlim e outras quedas que o meu livreiro me contava, tentando, sem o conseguir, vender-me os livros que as descreviam e comentavam.

Tocaram a campainha, e a Minha correu para a porta do jardim, grasnando tchak-tchak-tchak, tchak-tchak-tchak. O Tovarich afilou as orelhas, mas continuou deitado no sofá. Fui abrir. Era a Antônia, a arrumadeira que vem todos os dias.

Há mais de trinta anos que me faz o almoço, deixa o jantar pronto, limpa a casa, o jardim, lava e passa a roupa, e sempre me diz, o senhor devia ter-se casado, senhor Eduardo. Um homem como o senhor vivendo só é um desperdício.

Não lhe respondo, ela sorri, abana a cabeça, começa a trabalhar, e é tudo o que falamos. É o nosso ritual de todos os dias, de segunda a sábado. Ao domingo o meu estômago descansa dos condimentos. Café com torradas, queijo e marmelada de manhã, ao meio-dia e à noite.

A avó dela trabalhou muitos anos para a minha mãe, dormia aqui em casa, ela e a cozinheira, e a Antônia começou a trabalhar para mim logo que a minha mãe morreu, e as empregadas e a cozinheira, já casadas ou trabalhando em outras casas.

Gostou do Tovarich quando o comprei, espantou-se com a agitação da Minha, sempre a pular em volta dela, mas habituou-se. Só não gostava que ela lhe bicasse os tornozelos quando ligava o aspirador.

Mas alguns dias depois, ou porque a Minha se cansasse de lhe bicar os tornozelos, ou porque se habituassem ao barulho do aspirador, a paz voltou à nossa casa.

A Antônia já a pegava ao colo, como sempre tinha feito com o Tovarich, e a Minha se aninhava nele, satisfeita.

Só que nunca foi no colo da Antônia que eu queria que a Minha ou o Tovarich se aninhassem.

Seria em outro, se pudesse ter sido.



vinte e seis

Hoje a Antônia trouxe uma menina com ela. É a Micas, a minha filha mais nova, disse-me ao abrir-lhe a porta do jardim. Se o senhor deixasse, ela muito gostaria de ver a Minha.

Levei-a no meu quarto, a Minha se olhando no espelho e meneando a cabeça. Que linda, disse a Micas.

Não sei se tenho primos, tios ou quaisquer outros parentes. Se tiver, não os conheço. Como também não conheço os meus vizinhos. Nunca falei com nenhum deles, e também nunca nenhum deles falou comigo.

Não sei o nome deles, e eles também não sabem o meu. Ou fazem de conta que não sabem. Talvez não saibam mesmo. E é até melhor não saberem. Assim, nenhum deles bate à minha porta, e me aborrece.

Só saio de casa para comprar comida para mim, para o Tovarich e para a Minha, livros, bebidas, fazer pagamentos que não podem ser debitados em conta, e outras necessidades. E quando saio só me cruzo com desconhecidos.

A Micas continuava a olhar a Minha, e a sorrir-se.

Micas, onde é que tu moras?, perguntei-lhe. Ela disse-me o nome da rua e o número. Gostas da Minha? Muito. Se pudesse, levava-a comigo. E de gatos? A minha mãe disse-me que o senhor tinha um. Depois te mostro. Agora diz-me. Como te chamas? Micas. Não, o teu nome completo. Maria da Conceição Antunes. E o da tua mãe? Antônia Antunes. Só? Só. O meu pai já morreu há muito. Nunca o conheci.

Mostrei o Tovarich à Micas, e ela pegou-o no colo, sorrindo. Feliz.

A Antônia acabou o trabalho, e foram-se embora. Fui para a biblioteca e fiz um testamento cerrado, com todos os pontos e vírgulas escritos por mim, como manda a lei. Datei, assinei, o notário leu, achou tudo conforme, e arquivou-o.

A Micas não sabe que é a minha herdeira, e que a Antônia é usufrutuária dos rendimentos com a condição de tratarem bem da Minha e do Tovarich, mas em cima da minha mesinha de cabeceira, colado no tampo, dentro de um envelope plastificado, está o aviso de quem é a minha herdeira e onde se encontra o testamento.

Finalmente, os meus bens, herdados da minha mãe e do honesto diretor da Associação Comercial servirão para alguma coisa. Fazer bem a dois seres que nunca me fizeram mal. Pelo contrário. São os meus dois únicos amigos, e eu é que lhes fiz mal.

Nunca conversei com nenhum deles.

vinte e sete

Comecei a tocar guitarra no quinto ano do liceu. Tocava sozinho, procurando sempre introduzir novas variações nos acordes que o primo da minha mãe me tinha ensinado.

Gostaria de tocar acompanhado, mas, mesmo tocando sozinho, ao menos já fazia mais uma coisa que gostava de fazer, além de ler. Saltar o muro que me cercava, e voar junto com os acordes que tirava da guitarra.

No sexto ano, o Guitarrista, todos chamavam Guitarrista ao colega que tocava sentado num banco do jardim em frente ao liceu, espantou-me.

Nunca mais lhe tinha falado depois do fiasco da experiência de tocarmos juntos aquelas Variações em Lá Menor, tu tens a tua maneira de tocar, eu tenho a minha, chamou-me e perguntou-me, queres acompanhar-me numa serenata? Fazes de segundo guitarra.

Eu não sabia o que era fazer de segundo guitarra, mas aceitei, satisfeitíssimo. Era a primeira vez que alguém pedia a minha companhia.

As serenatas eram proibidas, mas com as esquinas das ruas vigiadas por colegas, conseguiam fazer-se.

Não eram muitos, mas havia alguns polícias que paravam longe, e devagar se aproximavam, só para escutar.

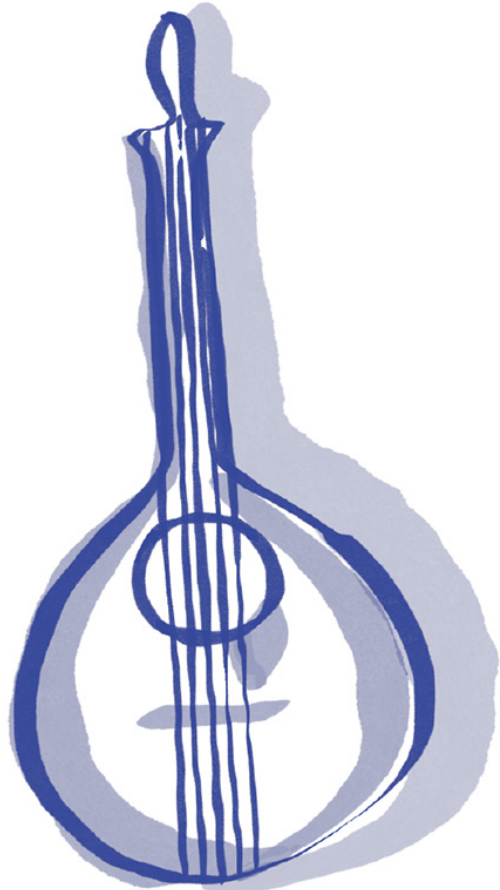
Não sei se fiz um bom ou mau segundo guitarra. O Guitarrista solando, e eu acompanhando-o. Ele nunca me disse, mas, no fim da serenata, disse-me, temos que treinar aquelas tuas variações. Não são minhas, tirei-as de uns acordes que um primo da minha mãe me ensinou. Não interessa, pá. Tu és um bom camarada, um gajo fixe.

Um gajo fixe.

Lembrei-me do burro que o meu pai e a minha mãe me chamavam quando eu lhes dizia que falava com as tábuas do teto do meu quarto, e ri.

Foi a primeira vez que ri com vontade, feliz por alguém me achar um gajo fixe.

Finalmente tinha conseguido ser aceito por um colega.



vinte e oito

No dia do primeiro aniversário da morte do meu pai, nunca soube o porquê, nunca lhe perguntei, a minha mãe mandou plantar uma cameleira, a que ela chamava japoneira, de flores brancas, dobradas, por baixo da janela do quarto dela.

Ainda a tenho, não como lembrança, há muito esqueci quem eram os meus pais, só não esqueci como eles eram, mas conservo-a porque gosto de a ver florida no inverno. É entre os seus galhos e debaixo da sua ramagem que os pardais fazem ninho e se acolhem ao anoitecer.

Os pardais já catam comida para alimentar os filhotes, a Minha saltita no jardim, grasnando tchak-tchak-tchak, tchak-tchak-tchak, o Tovarich está comendo as folhas das suas ervas preferidas e eu olho-os da porta da varanda. São os meus únicos amigos.

Agora já não me preocupo que a Minha sinta vontade de ir-se embora. Entra e sai do jardim, alegre, sempre grasnando tchak-tchak-tchak, tchak-tchak-tchak e já nem sequer olha os pardais revoando em torno da cameleira.

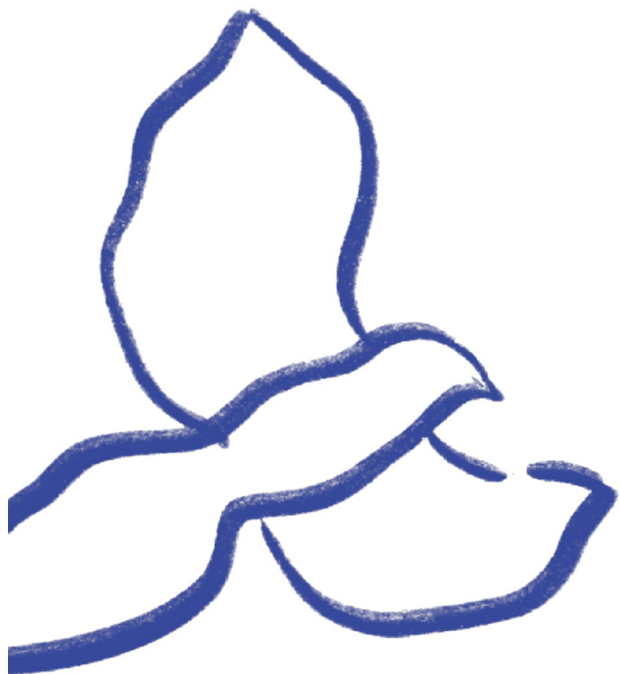
Só me preocupei quando a vi pela primeira vez a olhá-los, catando talos de erva seca e musgo para fazerem os ninhos. E não adiantou chamá-la. Só voltou quando o Tovarich a foi buscar. Chegou ao pé dela, parou, olhou-a durante algum tempo, e miou. Uns miados prolongados. Tristes.

Não sei se ela entendeu os miados, ou o olhar, mas pouco depois subiram os três degraus da escada. Na soleira da porta o Tovarich roçou a cabeça nas minhas pernas, a Minha voou para o meu ombro, e eu respirei, aliviado.

Estávamos, e tive certeza que para sempre, os três na nossa casa.

Parei a releitura de *Um amor feliz* quando os olhos *mais que verdes, mais que azuis* da Y, vítreos, dentro do táxi, anunciaram o seu adeus. *Até é melhor para não se fartar de mim.*

Entristeceu-me aquela frase. Eu nunca me fartaria de um amor feliz.



vinte e nove

O Tovarich está na sala, deitado no sofá, eu estou no meu quarto, me olhando no espelho, e a Minha está comigo, também se olhando no espelho.

Só que eu estou imóvel, olhando as minhas rugas e os meus cabelos brancos, e a Minha meneia a cabeça e olha-se como uma miss antes de entrar na passarela. Vaidosa da cor das suas penas, umas brancas de neve, outras de um preto azul esverdeado.

Muitos anos já se passaram desde que me olhei no espelho, e foi a primeira vez que o fiz como a Minha se olha agora. Feliz, alisando as lapelas da batina, revestidas de cetim, e olhando a capa cair-me pelos ombros até quase roçar o chão.

Estava no sétimo ano do liceu e ia sair para fazer a minha primeira serenata. Todas as que tinha feito, nenhuma delas era minha. As fiz só para os meus colegas.

Terminei hoje a releitura de *Um amor feliz*. E sempre que o releio, pergunto-me se faria igual ao escultor. Receber uma carta da Y e não a abrir. Ficar com ela fechada nas mãos a pensar se poderia ser um recomeço, ou a ruptura final.

Com toda certeza não o faria. A abriria de imediato.

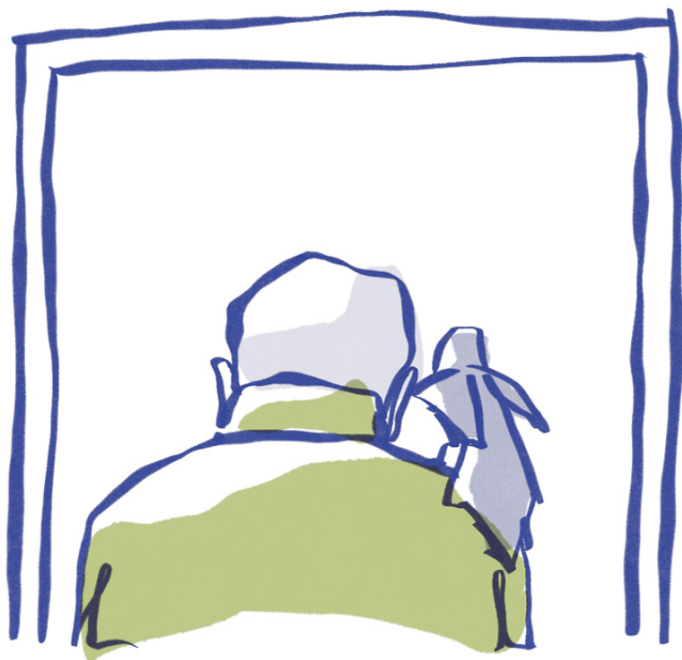
A Minha grasna um tchak-tchak-tchak, tchak-tchak-tchak de pura satisfação, e começa a saltitar à minha volta. Abaixo-me para a pegar, e ela voa para a cabeceira da cama. Olho-a a olhar para mim e a menear a cabeça, feliz.

Na parede, pouco mais de um metro acima dela, vejo o prego onde, durante anos, pendurei a minha guitarra e recordo alguns versos do único poema que fiz em toda a minha vida.

*Dorme, guitarra velha, o sono eterno,
aí dependurada na parede.
Não mais tu trinarás cantos de amor,
que, outrora, noite escura,
eu mais tu, ambos juntos, compusemos.
Não mais as tuas cordas de aço fino,
Dim, dim derlim, dim derlim, se ouvirão
ciciar, carinhosas, com prazer,
o amor que eu sentia e tu tocavas.*

Não sei se já não lembro, ou não quero lembrar, o resto do poema.

Há muito quebrei a minha guitarra.



trinta

Levei meses para conseguir tocar a Balada de Coimbra como achava que ela devia ser tocada. Não tão seca, estridente, como o Guitarrista a tocava, mas mais suave, mais trinada.

Trancava-me no quarto e tocava-a horas e horas, às vezes achando que tinha encontrado aqueles acordes que procurava, outras com vontade de jogar a guitarra pela janela, e desistir. Só que não conseguia desistir. A guitarra era o elo que me ligava aos meus colegas.

E continuava. Até que um dia o meu pai bateu na porta do quarto. Não bateu, deu murros. Ainda pensei não abrir, mas os murros continuavam. Os murros e os gritos. Abri a porta e quase não o reconheci. Vermelho, apoplético, espumando de raiva. Para já com isso, ó vagabundo. E estendeu a mão para me dar uma bofetada.

Olhei-o, calmo, indiferente ao gesto, ele baixou a mão e desceu as escadas.

A partir daquele dia deixamos de nos falar. Eu já tinha dezoito anos feitos, era mais alto e mais forte do que ele, estava no sexto ano do liceu, e éramos dois homens adultos.

Eu não me importava ser adulto. Ele é que dizia à minha mãe que eu já era adulto. Problema dele, não meu.

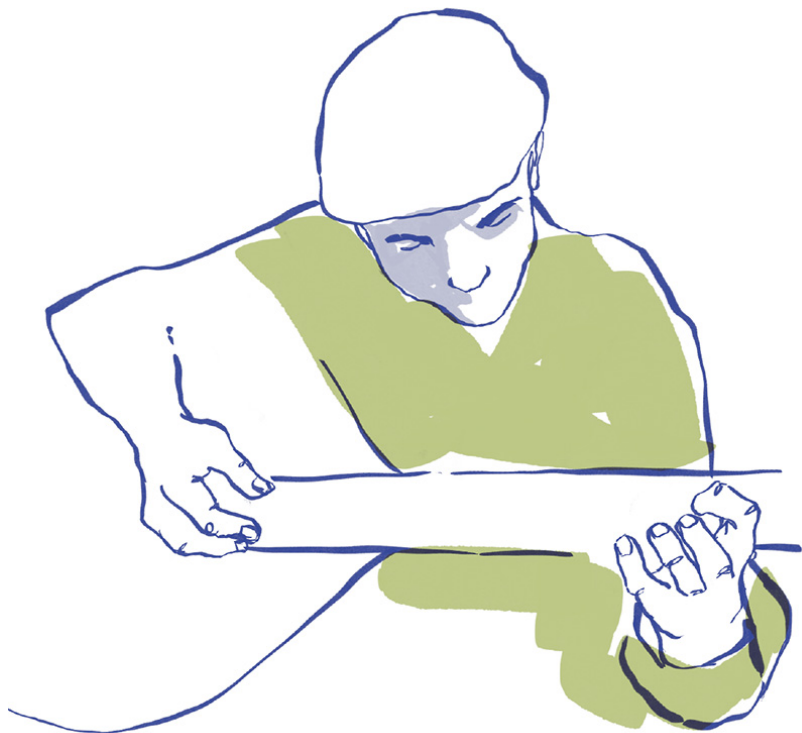
Morreu quatro meses depois, de infarto agudo do miocárdio, disse à minha mãe o médico que o acompanhou ao hospital.

Eu já não falava com as tábuas do teto do meu quarto, mas também já não tinha medo de adormecer à noite só de pensar que poderia acordar no inferno, que era o lugar para onde iam os burros que falavam com as tábuas do teto do quarto. Há muito tinha deixado de acreditar na existência do inferno.

Continuava a fazer de segundo guitarra para o Guitarrista em todas as serenatas, e já conseguia falar com alguns dos meus colegas.

Quando senti que já tocava a Balada como achava que ela devia ser tocada, não tão estridente como o Guitarrista a tocava, mas mais suave, mais trinada, toquei-a para ele no banco do jardim em frente ao liceu. Ele escutou-a, e no fim disse-me, ensina-me a tocá-la assim.

Foi a segunda vez que me senti feliz na minha vida.



trinta e um

Já disse que não sou nem bom, nem grande leitor de poesia, mas este poema de José Luís Peixoto tocou-me fundo.

*na hora de pôr a mesa, éramos cinco:
o meu pai, a minha mãe, as minhas irmãs
e eu. depois, a minha irmã mais velha
casou-se. depois, a minha irmã mais nova
casou-se. depois, o meu pai morreu. hoje,
na hora de pôr a mesa, somos cinco,
menos a minha irmã mais velha que está
na casa dela, menos a minha irmã mais
nova que está na casa dela, menos o meu
pai, menos a minha mãe viúva. cada um
deles é um lugar vazio nesta mesa onde
como sozinho. mas irão estar sempre aqui.
na hora de pôr a mesa, seremos sempre cinco.
enquanto um de nós estiver vivo, seremos
sempre cinco.*

Tocou-me fundo porque me encantou, e ao mesmo tempo me entristeceu.

Comprei *A criança em ruínas* por indicação do meu livreiro, uma das duas únicas pessoas com quem ainda converso. A outra é a Antônia, a arrumadeira que vem de segunda a sábado, faz o almoço, deixa o jantar pronto, limpa a casa, o jardim, lava e passa a roupa.

A capa não é famosa, a editora é pequena, mas é um bom livro. Leve-o, disse-me ele. Embora não fosse nem bom, nem grande leitor de poesia, comprei-o. E não me arrependi. A poesia de José Luís Peixoto tocou-me fundo.

Encantou-me e entristeceu-me.

Encantou-me pela simplicidade e pelo ritmo do discurso, e entristeceu-me por nunca ter tido ao menos uma irmã.

Se tivesse, tenho certeza que não precisaria conversar com as tábuas do teto do meu quarto, nem ter medo de adormecer à noite só de pensar que poderia acordar no inferno, o lugar para onde iam os burros que conversavam com as tábuas do teto do quarto.

Conversaria com ela.



trinta e dois

Hoje não almocei. Sentei-me à mesa, a Minha saltou para perto do meu prato, e o Tovarich deitou-se ao lado dela. Ambos a olharem para mim, como se estranhassem o prato vazio à minha frente.

Nem sei por que deixei a Antônia pôr a mesa e me sentei. Talvez o fizesse por hábito, não sei. Só sei que não tenho vontade de comer.

Não tenho vontade de comer, nem de fazer seja o que for. Ler, descansar no cadeirão da varanda ou ir para o jardim com a Minha e o Tovarich.

Sei que os pardais catam comida por entre a relva, revoam em torno da cameleira, mas não sinto vontade de descer os três degraus da escada. E continuo sentado, a olhar o prato vazio à minha frente.

Apoio os cotovelos na mesa, cruzo as mãos e deixo cair o queixo em cima delas. Por que é que estou assim? Não sei. Penso durante alguns momentos e digo em voz baixa, não sei.

Sei que me levantei às horas de sempre, ao nascer do dia, acordado pela Minha pulando em cima da almofada e grasnando tchak-tchak-tchak, tchak-tchak-tchak, tomei o banho de sempre, e também como sempre fiz a barba.

Vesti-me como sempre faço no início do verão, uma camisa de algodão, calças jeans e o velho robe de flanela xadrez, e a Antônia chegou.

Abri-lhe a porta, tomei café, ela trocou a comida e a água, e limpou as bacias do Tovarich e da Minha, abriu as janelas, fez a comida e começou a limpeza. Tudo o que sempre faz seis dias por semana.

Tudo certo, tudo feito, pensei em ligar a televisão, mas desisti. Lembrei-me da única vez que a liguei, os jornais da manhã repetindo as mesmas notícias ao meio-dia e à noite e os comentaristas a posarem como se fossem donos da verdade.

Não a liguei. Seria tempo jogado fora.

Olho a Minha e o Tovarich ainda olhando para mim, e digo-lhes, se eu fosse como vocês, não seria como sou. Seria feliz.

Mas eles não entendem o que lhes digo e continuam a olhar-me, ainda à espera que eu deite alguma comida no meu prato e a coma como eles já comeram a deles.

São felizes. Não são obrigados a pensar.



trinta e três

Na escola, a professora chamava-lhe Beatriz, e os colegas chamavam-lhe Bia. Eu nunca falei com ela. Nunca tive coragem. Nem quando ela me estendeu a mão, e perguntou, não queres brincar comigo?

Na aula, só ficava olhando as tranças loiras, e se por acaso ela se voltava e me olhava, parecia que aqueles olhos verdes ficavam ainda mais verdes.

Separamo-nos depois de passarmos no exame da quarta classe, e nunca mais a vi. Mas nunca a esqueci.

Hoje o Guitarrista convidou-me para ir à casa dele. Quero-te ver tocar essa tua Balada de Coimbra sem ninguém nos chatear.

Era uma casa como a minha. Três andares, varanda no primeiro, sacadas nos outros, sótão, e um jardim. A única diferença foi a maneira como os pais e a irmã me receberam. Seja bem-vindo. O nosso Gido, foi aí que soube o nome dele, Egídio, disse-me o pai, tem-nos falado muito de você.

Agradei com um embaraçadíssimo obrigado, e subimos para o quarto dele.

Um tapete cobria o assoalho, numa das paredes, a fotografia do time do Benfica, campeão da Taça de Portugal 1948/49, e por cima da cama, outra, antiga, já desbotada, de dezenas de estudantes com uniformes diferentes das nossas capas e batinas.

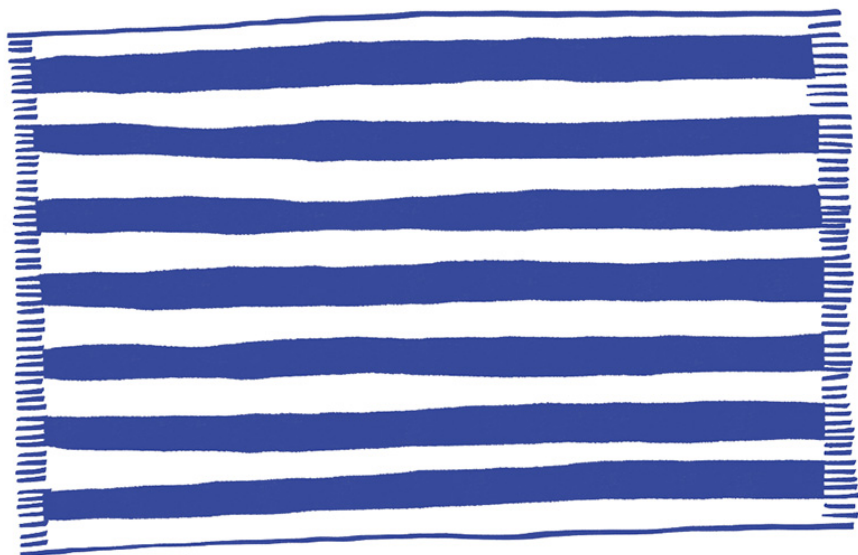
Ele olhou-me, sorriu e apontou um dos estudantes na última fileira, de mitra, que segurava o que parecia ser uma guitarra. É o meu avô, o pai da minha mãe. Tocava na Estudantina de Coimbra. Diz-me ela que ainda se lembra dele tocar aqui em casa quando os amigos cá vinham.

Não lhe disse, mas tive inveja do quarto dele. No meu não havia tapete, as paredes eram nuas, e só as tábuas do teto faziam companhia ao burro, como me tinham chamado o meu pai e a minha mãe.

Ao burro e ao medo que eu tinha de adormecer à noite porque podia acordar no inferno. O lugar para onde iam os burros que conversavam com as tábuas dos quartos deles.

Passei a ir na casa dele todos os dias, depois das aulas. Tocávamos até a hora de jantar, e a maior parte das vezes, eu jantava na casa dele. O pai, a mãe e a irmã, mais nova três anos do que ele, disse-me ela, conversando e rindo, e nós fazendo coro.

Se pudesse, não sairia mais daquela casa.



trinta e quatro

O meu professor de Filosofia no sexto ano do liceu dizia que a sabedoria vinha com a idade, mas que o conhecimento provinha do estudo. Por isso, tínhamos que estudar.

Só que a idade não me deu sabedoria. Deu-me apenas consciência da minha inutilidade, e o estudo pouco, ou nada, me deu. O que sei, e pouco sei, aprendi nos livros que li, e ainda leio por gosto, não por obrigação.

Nunca mais vi a Beatriz, mas nunca esqueci aquelas tranças loiras e aqueles olhos verdes. Não eram *mais que verdes, mais que azuis*, como os da Y, mas para mim ficavam cada vez mais verdes a cada dia que passava.

A Minha não tem olhos verdes, nem me pergunta, não queres brincar comigo?, mas acorda-me todas as manhãs ao nascer do dia, pulando em cima da almofada e grasnando tchak-tchak-tchak, tchak-tchak-tchak. É a única alegria que me resta.

Escutar aqueles grasnidos alegres quando me acorda, pula à minha volta ou se olha no espelho, ou furiosos quando alguma coisa a aborrece. Ou o ronronar sereno do Tovarich quando a Minha se cala, e ele se deita no meu colo.

A primeira serenata que fiz como primeiro guitarra começou e terminou com a Balada de Coimbra. Foi para a Zindinha, por quem o Zátópek,⁶ Pádua, mas alcunhado Zátópek por vencer todas as corridas desde que tinha entrado no liceu, dizia que estava apaixonado.

Ela acendeu a luz do quarto e apagou-a. Sinal que aceitava a serenata. Se não a aceitasse, não teria acendido a luz. Código imperativo de todas as serenatas que fazíamos. E para alegria de quem as encomendava, em todas elas sempre as luzes se acenderam e apagaram.

No fim, já no café, o Zátópek perguntou-me, e tu, pá? Quando vamos fazer uma serenata pra tua namorada? Encolhi os ombros, e todos riram, pensando que eu não queria que eles soubessem quem ela era.

Só eu não ri. Não tinha namorada.

Se a cada dia que passava mais verde ficava o verde dos olhos da Beatriz, mais amarga a lembrança se tornava.

Nota

6 Emil Zátopek (1922–2000), de nacionalidade tcheca, único atleta a vencer os 5.000, os 10.000 metros e a maratona em uma mesma Olimpíada. Em várias competições, ganhou sete medalhas de ouro nestas modalidades.

trinta e cinco

A Minha está olhando o Tovarich, deitado no tapete se lavando, e meneia a cabeça. Não grasna o costumeiro tchak-tchak-tchak, tchak-tchak-tchak, mas olha-o de esguelha, zangada. Acho que ela queria ir para o jardim, e o Tovarich preferiu continuar a lavar-se.

Aquele olhar da Minha fez-me lembrar a Zindinha, depois de dar uma estalada num aluno do colégio particular que havia na mesma rua do liceu, vestido com a farda da Mocidade Portuguesa. Um idiota igual aos da Juventude Hitleriana que eu via desfilar nos filmes alemães que passavam nos cinemas.

Todos os dias parava em frente à porta do liceu, do outro lado da rua, perfilava-se e cantava o hino deles, *lá vamos, cantando e rindo, levados, levados, sim*, e nós, a rir, fazíamos coro, *levados, levados, sim*. Ele, fulo de raiva, gritava, seus comunistas do diabo, seus comunistas do inferno, mas ninguém ligava. Só ríamos.

Nenhum de nós, ao menos que se soubesse, era comunista. E a maior parte nem sequer sabia o que era ser comunista. Eu era um deles.

Só que, naquele dia, não sei por quê, a Zindinha não se conteve. Atravessou a rua, parou na frente dele, deu-lhe uma estalada, cuspiu-lhe na cara e ainda lhe chamou, seu pulha, seu patife ordinário.

Todos rimos, ele apanhou o bivaque que lhe tinha voado da cabeça rapada à escovinha e já longe gritou, hei de vos mandar prender a todos, seus pés-rapados. Ninguém ligou para a gritaria, e cada um foi para o seu lado, rindo.

Eu nunca fui da Mocidade Portuguesa. Na escola primária, nunca tinha ouvido falar dela, e no liceu nunca vi ninguém fardado.

A maioria dos professores torcia o nariz àquela farda, e os alunos usavam a roupa que quisessem. O Guitarrista, o Zátópek, eu e muitos outros, sempre com a nossa capa e batina. Das colegas, só a Zindinha.

O Tovarich espreguiçou-se, roçou a cabeça nas asas da Minha, e ela saiu da sala a grasnar, satisfeita, tchak-tchak-tchak, tchak-tchak-tchak. Curioso, fui ver para onde ela ia.

Não foi para o jardim. Foi para o meu quarto olhar-se no espelho. Já tinha esquecido o pouco caso que o Tovarich lhe tinha feito.

A Minha era assim. Viva como ela só, mas sensível ao menor gesto de carinho.

trinta e seis

Aprendi a tocar guitarra, não porque só tivesse ouvido musical.

Aprendi a tocar porque talvez fosse a única maneira de poder saltar aquele muro que me aprisionava dentro de mim e me impedia de aproximar fosse de quem fosse.

Nunca consegui conversar com ninguém. Só tinha conversado, e sem reservas, com as tábuas do teto do meu quarto. Com elas conversava à vontade. Dizia-lhes tudo o que sentia, sem medo e sem vergonha. Ao conversar com elas, eu era eu. Mas só com elas.

Sempre que alguém me perguntava alguma coisa, ou tentava aproximar-se, eu não respondia. Retraía-me, embora a minha vontade fosse também aproximar-me e responder. Ou até perguntar também alguma coisa. Fazer fosse o que fosse para ser igual a todos. Mas não fazia.

Nunca o consegui fazer. Sempre que tentava, lembrava-me daquele burro que o meu pai e a minha mãe me chamavam só porque lhes dizia que conversava com as tábuas do teto do meu quarto.

A guitarra aproximou-me. Do Guitarrista, do Zátpek, e pouco a pouco da maioria dos colegas. Com a minha guitarra eu sentia-me como se conversasse com as tábuas do teto do meu quarto. Num completo à vontade.

E às vezes, quando os acordes não saíam como eu queria que saíssem, como os ouvia trinar dentro do meu cérebro, até os meus dedos imprecava. Ainda resquícios daquele burro que durante anos o meu pai e a minha mãe me tinham chamado? Não sei.

A minha mãe batia na porta do quarto e pedia-me que não praguejasse. Não faças isso. É pecado. Olha que Deus castiga-te, meu filho.

Não lhe dizia, mas pensava, vocês já me castigaram. E continuava a imprecavar os dedos até que os acordes saíssem como eu queria.

Não tocava para mim. Tocava para os outros. Tocar era a minha maneira de conversar. De conseguir comunicar-me. E consegui-o. Só que quem ouvia o que eu tocava não era quem eu mais queria que ouvisse.

Na escola, a professora chamava-lhe Beatriz, e todos a chamavam Bia.

Só eu nunca tive coragem para falar com ela.

trinta e sete

Quando a minha reputação de guitarrista se espalhou pelo liceu, algumas colegas vieram pedir-me serenatas. Eu não canto, só toco, era a única resposta que lhes dava. Não porque não quisesse aproximar-me delas, mas porque não conseguia dar-lhes outra.

Umas riam, outras olhavam-me espantadas, mas todas se afastavam. Eu não queria que elas se afastassem, mas não podia dizer-lhes que sim, que lhes faria as serenatas.

Nenhuma delas tinha uns olhos verdes que ficavam cada vez mais verdes quando olhavam para mim.

Hoje, vejo o quanto fui parvo. Idiota, imbecil, palerma absoluto. Mas não posso voltar atrás, e só me resta ver a Minha se olhando no espelho do meu quarto e meneando a cabeça, ou o Tovarich dormindo no sofá da sala, se esquentando ao sol na varanda, espreguiçando-se ou lavando-se.

Também de nada adiantaria voltar atrás. Mesmo que pudesse voltar ao sexto ano do liceu, tudo se repetiria.

Não sou fatalista, mas acho o livre-arbítrio uma utopia. O que posso eu fazer por minha livre vontade? Ler, comprar um gato siamês e levar ao veterinário uma peguinha com a asa machucada? É pouco. Muito pouco.

Sei que o ser humano é capaz de tudo, e diz que sabe tudo.

Que fissurou o átomo, matematizou o Big-Bang, esquadrinhou quasares a catorze bilhões de anos-luz, descobriu curas e vacinas para dezenas de doenças, e os cirurgiões já operam utilizando robôs computadorizados.

Tudo isso eu sei, mas de nada me vale. A única certeza que tenho é que um dia vou morrer. O resto, digam-me o que disserem, faça eu o que fizer, tudo que nasceu, nasceu para morrer.

Fecho o livro e olho a Minha saltitar em volta do Tovarich deitado no tapete, e grasnar tchak-tchak-tchak, tchak-tchak-tchak, e sorrio.

Ao menos, não menti às colegas que me pediram serenatas.

Eu nunca cantei. Só toquei.



trinta e oito

Li, já não me lembro onde, que a nossa felicidade é sempre proporcional ao grau de intensidade das nossas convicções. Mas querem saber? Danem-se as convicções.

Eu nunca tive convicções. Sempre duvidei de tudo, até de mim, e a única certeza que tenho é que um dia vou morrer.

Fecho os olhos e recordo a Y, a dos olhos *mais que verdes, mais que azuis*, dizendo ao escultor, *pensei que tudo podia ser mais fácil*.

Eu também tinha pensado que tudo podia ser mais fácil.

Quando algumas colegas me pediram para lhes fazer serenatas, tudo teria sido mais fácil se em vez de lhes dizer, eu não canto, só toco, lhes tivesse dito, digam-me quem quer ser a primeira.

Quem sabe não seria uma maneira de tentar esquecer aqueles olhos verdes que sempre ficavam mais verdes quando olhavam para mim?

Mas não disse, e agora é tarde.

Um pardal entra na biblioteca, esvoaça ao redor das paredes, e a Minha e o Tovarich olham-no, espantados. Corro, abro todas as janelas e tento fazer com que saia por uma delas.

Ele pousa, cansado, na última prateleira de uma das estantes e olha-nos assustado. Esbracejo, ele levanta voo, dá mais algumas voltas ao redor das paredes e de repente sai por uma das janelas.

Tudo teria sido mais fácil se eu deixasse o pardal voar até cansar e cair no chão, e só depois o pegasse e o atirasse pela janela. Como também teria sido mais fácil se tivesse dito às colegas que me pediram que lhes fizesse serenatas, digam-me quem quer ser a primeira.

Só que se tivesse deixado o pardal esvoaçar assustado, até cansar e cair no chão, o coração podia já ter estourado quando o pegasse, e se tivesse dito às colegas, digam-me quem quer ser a primeira, talvez todas dissessem, eu, e eu teria que escolher uma delas.

Só que qualquer uma que escolhesse, nenhuma delas seria a minha escolha.

A Y estava certa quando disse ao escultor *pensei que tudo podia ser mais fácil*.

Mas não é. Nunca é, mesmo quando se é personagem, seja de *Um amor feliz*, ou da *Viagem ao fim da noite*.

Ou até quando não se é personagem.



trinta e nove

As minhas melhores férias foram as que precederam o começo das aulas do meu sétimo ano.

O Guitarrista tinha-me convidado a passá-las na casa dele, junto com o Amorim, o violonista que nos acompanhava nas serenatas. Os pais e a irmã iam para a praia de Espinho, e nós ficaríamos lá sós, com uma arrumadeira e uma cozinheira.

Disse à minha mãe que ia passar as férias com o colega na casa de quem costumava jantar, ela quis-me fazer uma mala de viagem, mas não deixei.

Mãe, disse-lhe, nunca chamei aos meus pais papai e mamãe, mesmo quando eles me chamavam burro por eu dizer que falava com as tábuas do teto do meu quarto, mãe, não vou levar nenhuma mala. Se precisar, venho buscar. Peguei a guitarra, e saí.

O Amorim falava pouco, quase nada, ensaiávamos o dia inteiro, e aos domingos à noite ligávamos o rádio para escutar as serenatas de Coimbra, transmitidas pela Emissora Nacional.

A parte que mais nos interessava era a instrumental, mas havia um cantor que me fascinava. Luiz Goes cantando o Fado Hilário. *A minha capa velhinha/ É da cor da noite escura/ Nela quero amortilhar-me/ Quando for pra sepultura.* Cada vez que escutava aquela extraordinária voz de barítono ainda mais me deslumbrava. Era um gênio.

Foi o Guitarrista que descobriu umas variações que nunca tínhamos escutado. Variações em Si Menor, de Artur Paredes.

Colamos os ouvidos no rádio, escutamos com a maior atenção, mas de nada valeu. Não conseguimos pegá-las de primeira. E agora?, disse o Guitarrista. O Amorim encolheu os ombros, e eu disse, vamos ver se encontramos o disco? Vamos.

Encontramo o disco, velhinho, 78 Rpm, num antiquário, lado A – Fado Hilário, lado B – Variações em Si Menor, coberto de pó, e cheio de ruídos.

Foi uma semana sem descanso, todos os dias, de manhã, de tarde e à noite teimando em tocá-las como as ouvíamos no disco.

Conseguimos e tocamos. Eram brilhantes, mas a Balada de Coimbra era a Balada de Coimbra, e as nossas serenatas iriam continuar a ser iniciadas e terminadas com ela.

As nossas, mas não as minhas. As minhas, não tinha a quem as fazer.

Na véspera da chegada dos pais e da irmã, o Guitarrista disse-me, sabes que a minha irmã tem-me perguntado quando é que lhe vens fazer

uma serenata? Quando ela quiser, pá, respondi-lhe.

Ele, não sei, mas eu sabia que essa serenata nunca seria feita.

quarenta

A Minha acordou-me hoje a pular em cima da almofada com um furioso tchak-tchak-tchak, tchak-tchak-tchak, tchak-tchak-tchak, tchak-tchak-tchak. E não parou de grasnar até que me viu levantar. O Tovarich, de rabo levantado e o pelo todo eriçado, despedaçava com as unhas o tapete ao pé da porta do quarto.

Estavam tão furiosos que nem o banho tomei. Vesti o robe e vi-os à porta da varanda. O Tovarich miava, zangado, e a Minha esvoaçava e bicava a maçaneta. Abri a porta, eles pularam os três degraus e correram para a cameleira.

A Minha grasnava uns enfurecidos tchak-tchak-tchak, tchak-tchak-tchak, tchak-tchak-tchak, tchak-tchak-tchak, o Tovarich, o pelo eriçado, querendo subir pelo tronco escorregadio.

Corri para ver o que se passava, e já debaixo da folhagem vi um corvo tentando chegar a um ninho escondido entre os ramos entrelaçados.

Furioso, ele bicava-os, enquanto o casal de pardais esvoaçava por cima da ramagem. Gritei, xô, xô, agitando os braços, e o corvo fugiu.

Mas não saí debaixo da cameleira enquanto não vi o casal, ainda que desconfiado, abeirar-se do ninho, e a fêmea aninhar-se em cima dos ovos.

Ao ver o corvo fugir e o perigo passar, o Tovarich veio roçar a cabeça nas minhas pernas, e a Minha pulou para o meu ombro, ambos felizes.

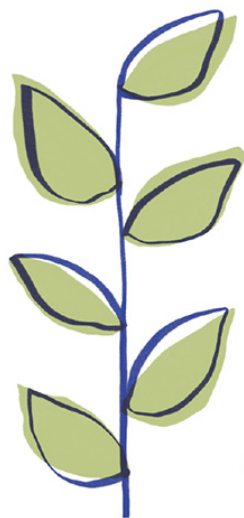
Peguei-os no colo e deixei-me ficar debaixo da cameleira, também feliz, olhando o casal de pardais. A fêmea aninhada em cima dos ovos, e o macho ao pé dela, na beirada do ninho.

Lembrei-me do fim das aulas do meu sexto ano do liceu e da satisfação que senti ao ver que tinha passado para o sétimo. Não havia exames. Passava-se se a média de todas as disciplinas alcançasse um mínimo de dez valores.⁷

Passei com dez, raspando a linha de água.

Voltamos para casa. A Minha pulando à volta do Tovarich, e ele de rabo levantado parecendo marchar numa parada.

O momento de felicidade tinha passado, mas a satisfação da ação que tínhamos praticado, essa permanecia.



Nota

7 O equivalente à média 5 no Brasil. Em Portugal, a média é calculada sobre o total de 20.

quarenta e um

Nunca gostei de estudar.

Gostava, sempre gostei era de ler, e sempre li, mas o que me obrigavam a decorar no liceu dava-me vontade de sair das aulas e nunca mais voltar.

No sexto ano o professor de Português já não dizia, como o do primeiro ano, prestem atenção no emprego das conjunções adversativas. A lua é redonda. Mas, porém, contudo, todavia, por causa das suas fases nem sempre a podemos ver redonda. Repararam? Quatro conjunções, uma para cada fase da lua.

Mas afirmava, categórico, que os livros de Alves Redol e Soeiro Pereira Gomes não podiam ser lidos porque os autores eram comunistas, e os livros eram pagos pelo ouro de Moscou.

O professor de História ainda garantia que D. Afonso Henriques seria santificado por ter ganho a batalha de Ourique por obra e graça de um milagre, e que a padeira de Aljubarrota foi a heroína da batalha por ter matado, sozinha, e apenas com a sua pá, sete castelhanos escondidos dentro do seu forno.

O professor de Filosofia perguntava, quem sabe definir a finalidade da vida? E antes que alguém respondesse, ele próprio respondia. A finalidade da vida é o ser humano considerar-se um ser racional e saber usar a razão.

O professor de Organização Política e Administrativa da Nação afiançava que a não observância das normas religiosas levava, inapelavelmente, o ser humano ao castigo divino na vida extraterrena.

Quem quisesse passar tinha que aceitar ou fazer de conta que aceitava. Eu fazia de conta e consagrava-me à minha maior paixão. A guitarra. Tocava de ouvido.

Escutava as variações, pegava o tema e improvisava em cima dele. Adorava improvisar.

O Guitarrista seguia-me, e ficávamos horas improvisando. No fim, se algum improviso nos agradava, memorizávamos e chamávamos o Amorim para nos acompanhar ao violão.

Alguns deles, depois, tocávamos no café onde tomávamos os bagaços.⁸ Só uma vez toquei um desses improvisos numa serenata, já no primeiro período do sétimo ano.

Variações em Sol Menor.

Foi na minha primeira serenata. As outras não eram minhas.

Eram feitas para as namoradas dos meus colegas.

Nota

8 Bebida alcóolica comum em Portugal, obtida pela destilação do mosto fermentado da uva.

quarenta e dois

Terminei de reler hoje *O estrangeiro*, de Camus. Ainda assombrado, voltei à primeira página e reli a primeira frase. *Hoje, a mãe morreu. Ou talvez ontem, não sei bem. Recebi um telegrama do asilo: “Sua mãe falecida. Enterro amanhã. Sentidos pêsames.” Isto não quer dizer nada. Talvez tenha sido ontem.*

Um homem é condenado à morte por um assassinato casual. Só que para a acusação, o que melhor determinava o caráter do assassino não era o sangue-frio com que o crime tinha sido cometido.

Era o fato de ele não conseguir ou não sentir vontade de chorar no enterro da mãe.

Eu também não chorei no enterro do meu pai, nem no enterro da minha mãe. Nunca fui acusado fosse do que fosse, a não ser de burro por eles quando lhes dizia que conversava com as tábuas do teto do meu quarto como se elas fossem minhas amigas.

Mas essa acusação já há muito tinha caducado. E muito antes de eles terem morrido.

Caducou quando passei para o segundo ano do liceu e o meu pai me disse, forma-te, rapaz. Forma-te, que em Portugal, quem não tem um Dr. antes do nome não é nada. Forma-te, que os teus filhos hão de agradecer-te.

Dizia a minha mãe que no tempo do avô dela comprava-se um título de visconde por três contos de réis. Um tio-avô dela tinha comprado um.

Não sei se esses viscondes acendiam cigarros e charutos com notas de cem mil-réis, e se bebericavam cálices de vinho do Porto, mas que se orgulhavam da excelência do seu dinheiro, disso não duvido.

Se não se orgulhassem, não seriam viscondes.

Nunca tive filhos, mas tenho dois bem-quereres como nunca pensei ter. O Tovarich e a Minha.

O Tovarich, que comprei com três meses, já vacinado. Pequeninho, branquinho, uma bolinha de neve que só parava de miar quando se aninhava no bolso do meu robe. Dormia comigo na cama, e eu adormecia embalado pelo seu contínuo ronronar.

A Minha, que apareceu no jardim com uma asa machucada e me encantou com as cores das suas penas. Branca de neve no peito e preta com reflexos azuis e verdes na cabeça, nas costas e na cauda.

Levei-a ao veterinário, que a tratou e me disse que era fêmea. Os machos eram maiores. Levou quatro meses para se recuperar. Chamei-lhe Minha.

No começo, o Tovarich não gostou dela. Ficava o dia inteiro na cesta dele a dormir ou a fazer de conta que dormia. Mas vendo-me com ela ao colo, dar-lhe de comer e de beber, começou a aproximar-se.

E quando a via adormecer no meu colo, subia para o sofá e aninhava-se ao pé de nós, a ronronar.

Não chorei quando o meu pai e a minha mãe morreram, mas só de pensar que o Tovarich ou a Minha possam morrer antes de mim, não me consigo conter.

E choro.

quarenta e três

O primeiro dia de aula é sempre um alvoroço. Ouvem-se mais gritos e dão-se mais abraços do que se escutam os professores.

No meu sétimo ano, o começo das aulas calhou numa sexta-feira, e a maior parte dos professores e dos alunos faltou. Eu fui um deles.

Na segunda-feira fui o último a entrar na sala. Segundos depois do último toque da chamada. Sentei-me na carteira que o contínuo me indicou, os lugares eram distribuídos por ordem alfabética, as moças nas primeiras filas e os rapazes atrás delas.

Aula de Organização Política e Administrativa da Nação.

O professor, padre Januário, dizia que não havia uma nítida separação entre a moral e o direito, que a moral continha todo o direito, e que por isso as normas jurídicas são sempre normas morais.

Um chumaço daqueles. Aliás como todas as outras aulas. Não era à toa que na prática a teoria era sempre outra.

Cinco moças, três colegas do sexto ano e duas vindas de fora. Vinte e três rapazes, dezenove também colegas do sexto ano e quatro vindos de fora.

Sentado ao meu lado, o Guitarrista, Egídio Ferreira Monteiro para efeitos da chamada do contínuo, piscou para mim e apontou a moça sentada na segunda carteira, à nossa frente.

Olhei-a de revés e só vi que era loira, com o cabelo escorrido a chegar-lhe ao meio das costas.

É boa como o milho. Temos que lhe fazer uma serenata, pá, ciciou-me o Guitarrista. Não lhe respondi.

Acenei-lhe com a cabeça, mais interessado em memorizar uns acordes novos para as Variações em Sol Menor que andava a praticar.

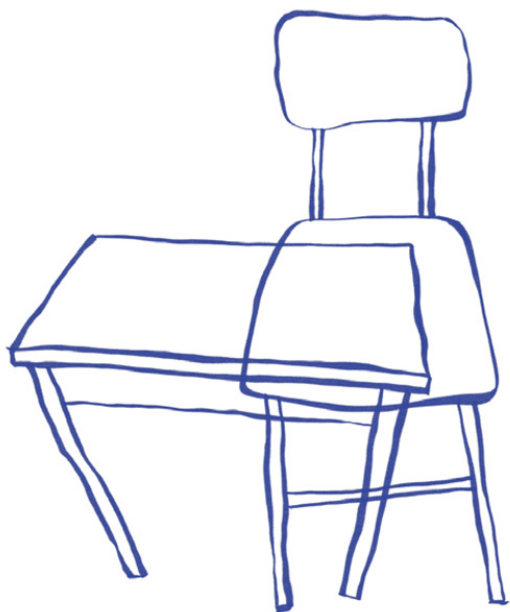
Terminada a aula, as moças saíram, mas não sei o porquê, a loira deixou-se ficar para trás. Só depois saímos nós. Já no corredor, ela voltou-se, e eu pude ver-lhe o rosto.

Gelei. O Guitarrista puxou-me por um braço, vamos, pá, mas eu não pude nem dar um passo sequer.

Aqueles olhos verdes que me olhavam parecendo não me conhecer não eram os olhos *mais que verdes, mais que azuis* da Y que sempre deslumbraram o escultor.

Eram, tinha certeza que eram daquela menina que ainda na escola primária me tinha perguntado, não queres brincar comigo?, e eu não pude responder-lhe, a garganta apertada, a boca seca, sem conseguir dizer uma palavra.

Aquela a quem a professora chamava Beatriz, e os colegas chamavam Bia.



quarenta e quatro

Vi o Tovarich olhar para mim da porta da biblioteca, e a Minha também me olhando, pousada em cima de uma das estantes, eles que nunca se afastavam, sempre ao pé de mim, ou aninhados no meu colo.

Afastados assim, alguma coisa se passava. Teriam captado nos meus olhos a tristeza de recordar aquele olhar da Beatriz parecendo não me conhecer?

Não sei. Só sei que a companhia e o carinho destes meus dois únicos amigos era a última réstia que ainda iluminava a minha vida. E vê-los assim distantes, quietos, só olhando para mim, ainda mais me entristeceu.

Fechei os olhos, e mesmo sem querer vi a Beatriz correndo ao encontro das outras colegas. O que foi, pá?, perguntou-me o Guitarrista. Tás aí que parece que viste um fantasma. Anda. Vou pra casa, disse-lhe. O Guitarrista olhou-me, espantado. Que se passa, pá? Tás... Nem o deixei terminar. Vou pra casa. E deixei-o ainda no corredor.

Já não via a Beatriz há mais de seis anos, mas nunca tinha esquecido as aulas da escola primária, quando, se por acaso ela se voltava e me olhava, e aqueles olhos verdes pareciam ficar ainda mais verdes.

Muitas vezes contei isso às tábuas do teto do meu quarto. E quando tinha medo de adormecer à noite só de pensar que poderia acordar no inferno, porque o inferno, sempre dizia a minha mãe, era o lugar para onde iam os burros que falavam com as tábuas do teto do quarto, eram aqueles olhos verdes que me tiravam o medo e faziam com que pudesse adormecer.

Faltei às aulas dois dias, a minha mãe perguntou-me o que é que eu tinha, disse-lhe que estava constipado, e ela disse-me, então deita-te.

Tranquei-me no quarto, e quis, mas não consegui, pegar na guitarra. Os dedos não obedeciam ao comando do meu cérebro. Na hora das refeições deitava-me para que a minha mãe não me chateasse mais do que eu já estava, e o médico deu-me um atestado.

Entrei na sala e sentei-me sem olhar para a Beatriz. Aula de História, aclamação do Mestre de Avis como Regedor e Defensor do Reino. O Guitarrista, ciciando, perguntou-me, o que foi, pá? Nada, respondi-lhe. Ele olhou-me e virou a cara, Vai chatear o Camões.

Saímos da aula separados.

Ele aborrecido comigo, e eu querendo ficar só.

quarenta e cinco

A zanga durou pouco.

À noite, no café, as guitarras já afinadas, toquei as Variações em Sol Menor que há muito vinha praticando. Que tal?, perguntei ao Guitarrista. Boas, pá, disse-me ele. Mas difíceis como o diabo. Temos que as treinar bem treinadas. O Amorim ficou de vir?, perguntei-lhe. Hoje não. Disse-me que a mãe não tava lá muito bem.

Tomamos o bagaço do costume, e diz-me o Guitarrista, reparaste na Beatriz? Estremeci, mas consegui conter-me, e ele não notou o meu espanto.

Como saberia ele que ela se chamava Beatriz? Será que... Olhei o copo do bagaço vazio, e procurando dar à voz o tom mais natural possível, perguntei-lhe, como é que tu sabes que ela se chama Beatriz? Ele riu. Pá, uma garota como aquela não passa despercebida nem em noite cerrada.

Não me espantei. Aquela menina que há pouco mais de seis anos me tinha perguntado se não queria brincar com ela, e eu não pude responder-lhe de tão retraído que era, tinha-se transformado numa belíssima mulher.

Aqueles olhos verdes que pareciam ficar ainda mais verdes sempre que ela se voltava e me olhava na escola primária, para mim, eram mais deslumbrantes do que os *mais que verdes, mais que azuis* da Y, que tanto deslumbravam o escultor.

Temos que lhe fazer uma serenata, pareceu-me ouvir o Guitarrista. Hã? Temos que lhe fazer uma serenata, pá, repetiu ele. Alinhas? Acenei com a cabeça. Seria a minha primeira serenata feita para alguém que eu queria que a escutasse.

Gido, era a primeira vez que lhe chamava Gido, sempre o tinha chamado Guitarrista, e ele nem percebeu a troca do nome. Gido, alinho, mas com duas condições. Que con... Nem o deixei terminar. Eu escolho as músicas e ninguém canta. Só guitarradas.

Não me perguntou por quê, mas eu preferi dar-lhe o suposto motivo antes que ele se apercesse de que alguma coisa poderia haver por trás das minhas condições. Ela é nova aqui, ninguém sabe quem é, e pode não gostar que alguém lhe cante, *a água da fonte é louca, e não digas não, dize sim*. Alinhas?

Alinho, pois, disse-me ele. E tu tens razão, pá. Ela poderia não gostar. Hoje é quinta, amanhã descubro onde ela mora, falo com o Amorim, treinamos no sábado à tarde, e à noite fazemos-lhe a serenata.

Sorri, feliz. Finalmente ia poder dizer à Beatriz o que sentia.

quarenta e seis

Hoje a Minha acordou-me a pular em cima da almofada, a grasnar tchak-tchak-tchak, tchak-tchak-tchak e olhar-me com uns olhos que pareciam até sorrir.

Os olhos das pegas não sorriem, mas, quando nos olham com a alegria que a Minha me olhava, é como se sorrissem.

O Tovarich também me olhou com uns olhos que também pareciam sorrir e veio roçar a cabeça no meu ombro.

Fiquei feliz.

O afastamento daquela tarde, a Minha pousada em cima de uma das estantes, e o Tovarich a olhar para mim da porta da biblioteca, tinha desaparecido. Já não sentiam nos meus olhos a tristeza de recordar aquele olhar da Beatriz parecendo não me conhecer.

E eu também estava feliz.

Tinha adormecido recordando a serenata que tinha feito naquele sábado há mais de sessenta anos. Um dos poucos momentos da minha vida em que me senti verdadeiramente à vontade. Eu sendo eu.

Aquele eu que sempre tinha sentido incapaz de ser. Desinibido, capaz de falar até com quem não conhecesse.

Chegamos, eu, o Guitarrista e o Amorim, e paramos debaixo da janela, um candeeiro iluminando a rua bem à frente da casa. O Guitarrista, como não sei, nem lhe perguntei, tinha descoberto que ela morava no primeiro andar.

Pedi-lhes que se encostassem à porta, e eu pus-me no meio da rua. Assim, ela só podia ver-me a mim, iluminado pela luz do candeeiro.

Comecei com a Balada de Coimbra.

Aos primeiros trinados, a luz do quarto acendeu-se e apagou-se. Sinal que ela assistiria à serenata. Isso me deu uma alegria tão grande que ainda hoje, acho, nunca toquei a Balada como a toquei naquela noite.

Parecia que as cordas da guitarra choravam e riam ao mesmo tempo.

Quando terminei, para meu espanto, em todas as serenatas que tinha feito para os colegas, em nenhuma delas aquilo tinha acontecido, a janela abriu-se, e ela debruçou-se no parapeito. Só lhe via o rosto, não lhe via os olhos, mas tinha certeza que naquele momento o verde estava ainda mais verde.

Não houve sinal de polícias, e continuei a tocar as músicas que tínhamos combinado. As Variações em Sol Menor, que tanto tinha treinado, as Variações em Si Menor, de Artur Paredes, e terminei com a Balada de Coimbra.

Quando os últimos acordes da Balada se esvaíram, ela saiu da janela, mas logo voltou, e atirou-me uma rosa. Apanhei-a, ela fechou a janela e acendeu a luz do quarto.

O Amorim não disse nada, mas o Guitarrista não se conteve. Ó pá, tu a conheces? Não respondi, só encolhi os ombros, tentando aparentar uma indiferença que não sentia.

Ele riu. Ela atira-te uma rosa... Aqui tem coisa. Não respondi. Tinha medo que a voz tremesse, e eles ficassem sabendo o que eu sentia.

Entalei o caule da rosa nas cordas da guitarra e fui para casa. Feliz.

Se há mais de seis anos, quando ela me perguntou, não queres brincar comigo?, e eu não pude responder-lhe, a garganta apertada, a boca seca, sem conseguir dizer sequer uma palavra, naquela noite a minha guitarra disse-lhe tudo que eu sentia, e ela respondeu-me.

Também não me tinha esquecido.



quarenta e sete

Pela primeira vez em doze anos gostei de entrar numa sala de aula.

Ao contrário de sempre, fui o primeiro a entrar. Aula de Filosofia. Sentei-me na minha carteira e esperei ver a reação da Beatriz quando entrasse.

Para minha decepção, entrou e nem sequer me olhou. O Guitarrista olhou-me, franziu a testa e ciciou-me, a gaja é doida, ou quê, pá?

Não respondi. Se estivesse no lugar dela também não olharia. Principalmente para quem lhe tinha feito uma serenata e a quem ela tinha dado uma rosa. Mas a pergunta do Guitarrista incomodou-me. Será que ela me deu aquela rosa só por dar, sem me ter reconhecido?

Quanto mais pensava, mais incomodado ficava, e deixei de prestar atenção ao que quer que fosse. Até ao Guitarrista que não parava de me ciciar coisas que eu nem escutava.

Toda a felicidade que senti quando ela me atirou a rosa pela janela, e que ainda sentia até ao vê-la entrar na sala, se dissipou.

Olhei-a, imóvel, recostada nas costas da carteira, prestando a maior atenção ao que o professor dizia, e tive certeza que não me tinha reconhecido. Que teria dado a rosa a qualquer um que lhe fizesse a serenata.

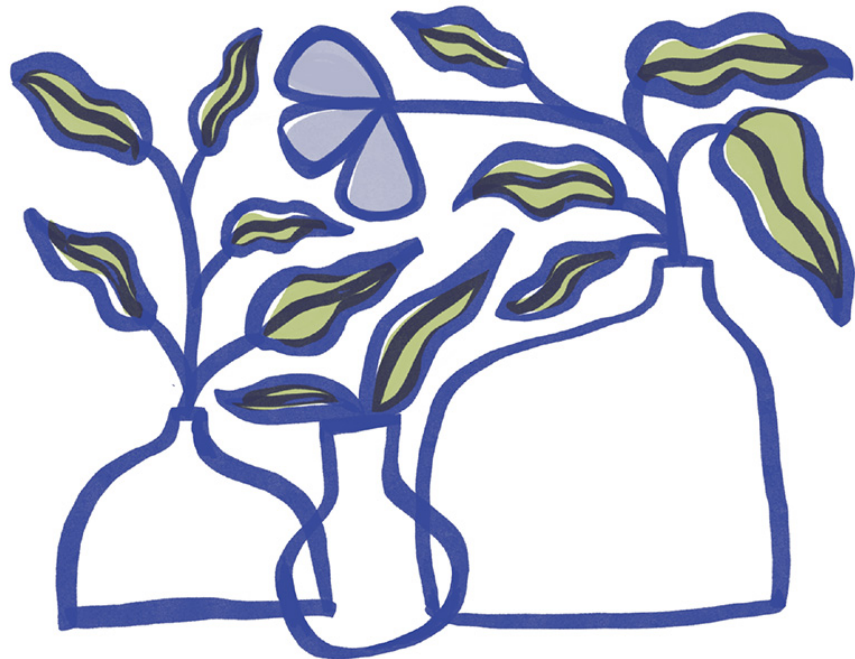
Esta certeza acabrunhou-me tanto que me levantei e pedi licença para sair da sala.

Sem vontade de fazer fosse o que fosse, fui para casa. A minha mãe assustou-se. O que tens, meu filho? Nada. Tou constipado. Deita-te. Deita-te, que eu trago-te já um chá. Só que o chá não fez efeito, e à noite ela chamou o médico. Febre alta.

O Guitarrista telefonou no dia seguinte, a minha mãe disse-lhe que eu estava de cama, e ele e o Amorim vieram visitar-me. Que tens, pá?, perguntou-me. Nada, pá. Só febre e mal-estar. O Amorim abanou a cabeça, e só disse, cuida-te, pá.

Faltei às aulas cinco dias, o médico deu-me o atestado, e só voltei ao liceu na segunda-feira. Sempre a pensar que a Beatriz teria dado aquela rosa a qualquer um que lhe tivesse feito a serenata.

De certeza que a teria dado a qualquer um.



quarenta e oito

Hoje não tomei o meu banho de costume.

Enquanto o meu pai e a minha mãe estavam vivos, o banho era tomado na banheira de ferro fundido, esmaltada de branco. Duas torneiras douradas, uma de água quente, aquecida no fogão a lenha da cozinha, e outra de água fria.

O banheiro era enorme, maior do que o meu quarto, e era lá que tomávamos o nosso banho semanal. Aos sábados. Primeiro o meu pai, depois a minha mãe, e no fim, eu.

As empregadas tomavam-no numa bacia de folha de flandres num quartinho, no último andar, por baixo do sótão.

Aos domingos a família do honrado comerciante de produtos alimentares por atacado e honesto diretor da Associação Comercial ia à missa.

Aos sábados lavava-se o corpo e aos domingos a alma, como determinavam os preceitos da Santa Madre Igreja e os estatutos sociais.

Hoje tomei banho na velha banheira do tempo do meu pai e da minha mãe. Há anos que o não fazia, agora a água já não aquecida pelo fogão de lenha, mas por um cilindro elétrico.

A Minha, quando me viu abrir a torneira da água quente, empoleirou-se na borda, espantadíssima, a ver a água a sair aos borbotões. E mais espantada ficou quando abri a da água fria, o Tovarich parado ao pé da porta.

Nunca vi a Minha lavar-se quando o Tovarich se lavava, mas me encanto quando ela começa a alisar as penas com o bico à frente do espelho do meu quarto. Umas brancas de neve, outras de um preto azul esverdeado.

Precisava descontrair. Sempre que recordo a Beatriz entrar na sala, sentar-se e nem sequer olhar para mim depois de me ter dado aquela rosa, sinto-me mal. Por que me teria ela dado aquela rosa, se não me tinha reconhecido?

À saída, parado no cimo da escadaria que dava acesso à rua, esperando o Guitarrista que se tinha atrasado, sinto um toque no ombro. Volto-me e assombro-me ao ver a Beatriz olhar-me e sorrir.

Sei que é um lugar-comum, mas, se o chão se abrisse debaixo dos meus pés, eu entraria no buraco com a maior boa vontade.

Senti-me como se ainda estivesse na escola primária, e ela me tivesse perguntado, não queres brincar comigo?, e eu não pude responder-lhe, a garganta apertada, a boca seca, sem conseguir dizer uma palavra.

Ela riu. Continuas o mesmo.

quarenta e nove

O Guitarrista assombrou-se, talvez até mais do que eu, ao ver-nos juntos. Vocês... A Beatriz nem o deixou terminar. Nós nos conhecemos desde a escola primária. Um dia perguntei-lhe, não queres brincar comigo?, e ele nem me respondeu.

O Guitarrista riu. Então tá explicado. O quê? O Guitarrista apontou para mim, ainda calado, e disse-lhe, ele quer fazer-te uma serenata sem cantor.

A Beatriz olhou-me e semicerrou os olhos. Por quê? Pigarreei, e antes que algum som me saísse da garganta, o Guitarrista disse, porque com absoluta certeza iria cantar-se *a água da fonte é louca/ olha o que ela anda a dizer, que já te beijou na boca/ quando lá foste beber, e não digas não, dize sim/ muito embora amor não sintas./ O não envenena a gente/ dize sim, ainda que mintas*. São os fados que as colegas mais gostam de escutar nas serenatas. A Beatriz riu, e sem me olhar disse, eu também iria gostar. E não iria mentir, podes ter certeza.

Os colegas que passavam e nos viam ali parados olhavam-nos espantados. As moças cochichavam umas com as outras, e os rapazes riam. Quando o Zátópek gritou hip, hip, hurra!, e todos gritaram hurra!, hurra!, a Beatriz bateu palmas.

Não aguentei e comecei a descer as escadas. O Guitarrista alcançou-me já no último degrau e gritou, onde é que vais, ó meu palerma?

Parei e olhei-o. Imbecil. A Beatriz chegou, ainda rindo, e perguntou ao Guitarrista, vão pra onde? Ele encolheu os ombros e disse-lhe, pro café. Então vamos. O Guitarrista olhou-a, espantado. Moça que se prezasse não entrava em cafés. Tomava chá nas pastelarias.

Não disse nada, mas fui. Não a ia deixar sozinha com o Guitarrista. Era meu amigo, mas tinha sido a mim que ela tinha dado aquela rosa.

A Beatriz escolheu a mesa. Uma no centro do salão. Tomais o quê?, perguntou ao Guitarrista. Ele olhou-me, a pedir ajuda, mas continuei calado. A Beatriz riu. O gato comeu-te a língua, ou quê? O Guitarrista, e senti que a muito custo, respondeu-lhe, costumamos tomar bagaço. O que é isso? Aguardente dos pobres. A Beatriz riu. Também quero.

O Guitarrista olhou-me, espantado. Se uma moça entrar num café já era um acinte à moral e aos bons costumes, tomar bagaço, nem pensar. Mas a Beatriz teimou, e o Guitarrista não teve outra saída. Levantou-se e foi falar com o garçom que nos costumava atender.

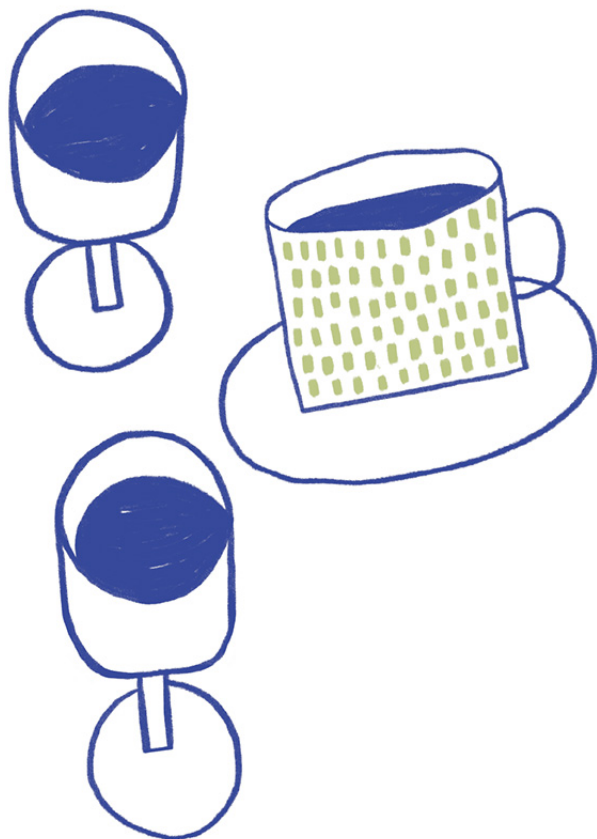
Pouco depois, ele serviu-nos. Dois cálices e uma xícara. A Beatriz não se conteve. Bagaço pra vocês e café pra mim? Não, senhor. O Guitarrista

disse-lhe, apontando a xícara, é bagaço. De outra maneira, e apontou o garçom, ele não te serviria. Prova e vais ver.

Não toquei no meu cálice, mas o Guitarrista bebeu um gole e a Beatriz bebeu outro. Engasgou-se e começou a tossir. Quando parou, não bebeu mais. Como queima. Continuei calado, sem tocar no meu cálice, e eles começaram a conversar.

A Beatriz contou-lhe como nos tínhamos conhecido, e como nos tínhamos separado, feito o exame da quarta classe. O meu pai é militar, foi transferido pra Aveiro, e pra lá fomos. Eu é que pedi transferência pra cá. Já tava pelos cabelos com Aveiro. Só ovos moles, ovos moles. E nunca mais o viste?, perguntou-lhe o Guitarrista. Ela riu. Não. Mas nunca lhe perdoei não ter querido brincar comigo.

Seria verdade? Eu é que nunca me tinha perdoado.



Cinquenta

Hoje não tomei banho. Nem de chuveiro, nem de banheira.

A Minha acordou-me pulando em cima da almofada, grasnando tchak-tchak-tchak, tchak-tchak-tchak, e o Tovarich olhou-me, deitado sobre as cobertas. Mas, ao verem-me vestir a roupa em vez do robe, saíram do quarto. A Minha andando devagar, sem se voltar, e o Tovarich de rabo baixo, arrastando pelo chão. Pareciam sentir a minha perturbação.

Fechei-me na biblioteca e sentei-me na poltrona. A lembrança da ida ao café tinha-me amargurado. Principalmente o à vontade da conversa da Beatriz com o Guitarrista. Mais pareciam amigos íntimos do que conhecidos de apenas alguns dias.

Havia mais de seis anos que não via a Beatriz, e logo no nosso primeiro encontro o confidente era o Guitarrista. Não. De maneira nenhuma.

Levantei-me, e ia sair, quando a Beatriz me perguntou, já vais? Não respondi. Ela olhou-me, olhou o Guitarrista, e disse-me, espera, que eu também vou. Despediu-se dele com um aceno, ele fez-me um gesto de tudo bem, e saímos.

Na rua, continuei calado. Não sabia o que dizer à Beatriz.

Que nunca a tinha esquecido todos aqueles anos? Era pouco. Muito pouco. Ela também nunca me tinha esquecido. Ao menos assim me pareceu quando disse ao Guitarrista que nunca me tinha perdoado eu não ter querido brincar com ela.

Que as Variações em Sol Menor tinham sido compostas só para ela e que nunca as tocaria para mais ninguém? Também era pouco. Ela podia não acreditar.

Que a rosa que ela me tinha dado me fez sentir feliz? Era verdade, mas ela poderia não gostar que eu falasse disso.

E continuei calado. Sem saber como dizer-lhe que nunca a tinha esquecido e que sempre tinha gostado dela.

Podia ter-lhe dito nem sei quantas coisas mais, mas não encontrava nenhuma que me parecesse lhe pudesse interessar. E continuamos a caminhar em silêncio. Como se fôssemos apenas dois amigos que já tinham dito tudo o que havia para dizer.

Quando chegamos à porta da casa dela, paramos.

Quis-lhe dizer o quanto lamentava o meu silêncio, mas não soube como fazê-lo. Se não tinha dito o que queria dizer-lhe durante o caminho, de que valeria agora dizer alguma coisa? E continuei calado.

Ela olhou-me e abanou a cabeça. Continuas o mesmo.

Cinquenta e um

A minha casa foi o presente que o pai da minha mãe lhe deu quando ela casou com o meu pai. Filha única, foi também a sua herdeira.

Três andares, fachada de azulejos verdes, verdalejos como lhes chamava o meu pai, se são verdes, são verdalejos, não são azulejos, móveis de pau preto, candelabros de cristal, cortinas de seda bordada e reposteiros de veludo. Quando a minha mãe morreu, mandei retirar os candelabros, as cortinas, os reposteiros, o papel das paredes, e troquei todos os móveis.

Queria a minha casa, não a casa do meu pai e da minha mãe. Camas com dossel, mesas pé de galo, cadeiras de espaldar e sofás torneados, com assentos, braços e encostos estofados.

O cômodo que menos sofreu foi o banheiro. Só coloquei um boxe com chuveiro e um cilindro elétrico. Aquela banheira de ferro fundido, esmaltada de branco foi o único móvel que não troquei.

Por quê? Até hoje não sei. Pelo dourado das torneiras? Não sei.

De manhã a Minha não me acordou, pulando em cima da almofada e grasnando tchak-tchak-tchak, tchak-tchak-tchak, e o Tovarich também não estava deitado na minha cama. Estranhei e fui procurá-los.

Estavam na varanda. O Tovarich se lavando, e a Minha quieta, olhando para ele. Deixei-os e fui para a biblioteca. Andava tenso e precisava relaxar.

As férias de Natal começaram num sábado, e antes que a Beatriz as fosse passar em casa, tomei uma decisão. Não a veria até ao início das aulas, em janeiro, e tinha que falar com ela. Eu, não as cordas da minha guitarra.

Bati à porta, chameia-a, ela abriu a janela, e perguntou-me, que queres? Desce, disse-lhe. Preciso falar contigo. Agora? Agora. Ela desceu e repetiu a pergunta. Que queres?

Eu sabia o que queria dizer-lhe, mas aquele, que queres?, frio, impessoal, quase indiferente, gelou-me. E não consegui dizer-lhe o que queria.

Ela olhou-me durante alguns instantes, e riu, abanando a cabeça. Ainda continuas o mesmo.

Todos os colegas lhe chamavam Bia, eu chamava-lhe Beatriz, mas naquele momento, ao escutar aquele riso e aquele ainda continuas o mesmo, frio, impessoal, quase indiferente, atordoaram-me. Chamei-lhe Bi.

Ela olhou-me espantada, como se aquele Bi lhe tivesse dado um

choque elétrico, voltou-me as costas, e quis fechar a porta. Segurei-a por um braço. Bi. Larga-me. Bi. Larga-me, senão eu grito.

cinqüenta e dois

Nunca mais a vi. Nem eu, nem ninguém, e até hoje me pergunto se não teria sido melhor para todos chamar-lhe Beatriz em vez de Bi.





Leiradella e a Capitu portuguesa

– adelto gonçalves –

Além do teatro, do ensaio e do roteiro para vídeo, cinema e televisão, Cunha de Leiradella, ao curso de uma longa vida bem vivida, sempre cultivou igualmente o romance e o conto, gêneros a que mais se dedicou, como bem sabe quem já compulsou a sua biografia. Em *Isto não é um romance*, porém, chega a um ponto em que inaugura um gênero, pois se trata de um conto que parece ter escapado ao controle do escritor, alcançando as dimensões físicas de um romance. Talvez venha daí a opção por tal título, embora o leitor possa concluir também que este texto não conta a história de um amor exaltado, como bem se afiguraria a um romance tradicional, mas de um amor frustrado, que não houve. É a história de um homem que não conseguiu se realizar na vida sentimental e faz um relato confessional de seu passado melancólico.

Mais uma vez, a personagem principal de um texto de Leiradella é Eduardo da Cunha Júnior, que, em outras obras, já foi vendedor de livros, dramaturgo, engenheiro, executivo e detetive. Desta vez, o *alter ego* do autor é um cidadão que, licenciado em Filosofia pela Universidade do Porto, filho de um comerciante bem-sucedido, nunca saiu da confortável casa em que nasceu nem precisou ir à luta para ganhar a vida, vivendo dos rendimentos e dos bens que os pais tinham deixado, e que se define como “um parasita social que não é pago com dinheiro público”.

Irrealizado sentimentalmente, aferrou-se a dois seres que ganham características fortemente humanas: Tovarich, um gato, e Minha, uma pega, ave no Brasil mais conhecida como gralha. Recluso, só costumava trocar palavras com Antônia, a arrumadeira que havia mais de trinta anos fazia diariamente o serviço de sua casa e sempre dizia que ele deveria ter se casado, pois “um homem como ele vivendo só era um desperdício”. A filha dela, Micas, ele tornaria sua herdeira em testamento, ficando a mãe como usufrutuária, “com a condição de tratarem bem da Minha e do Tovarich”.

Produto de um mal resolvido relacionamento com os pais, que o chamavam de “burro” quando pequeno porque dizia que conversava com as tábuas do teto de seu quarto, o narrador guarda lembranças de uma antiga colega de escola, Beatriz, a loira Bia, que tinha olhos verdes, e que sempre ficavam mais verdes quando Eduardo a via olhando para ele, o que o fazia lembrar dos olhos de Y, personagem de *Um amor feliz*, de David Mourão-Ferreira, que eram azuis. Um dia, ela o convidou para brincar, mas ele, por timidez, não lhe deu resposta. Com ela, já saído da adolescência, voltaria a ter um breve contato, mas, uma vez mais, o relacionamento não iria avante.

A mística Bia, que seria a heroína deste conto-romance, constitui, a exemplo de Capitu, de *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, e de Quina, de *A Sibila*, de Agustina Bessa-Luís, ambas delineadas pelas lembranças dos narradores, personagem suficientemente forte para ser incluída numa galeria de personagens memoráveis da literatura brasileira e da literatura portuguesa imaginada pelo professor Massaud Moisés no ensaio “Capitu e Quina: a Esfinge e a Sibila”, que consta da obra *Machado de Assis: ficção e utopia*.

Definida como um enigma, essa personagem, Beatriz, a Bia, pode, portanto, passar a fazer parte dessa galeria. Como não se trata de um romance nos moldes tradicionais, o que fica explícito a partir do irônico título do livro, que funciona mais como uma advertência, a personalidade misteriosa de Bia não é desenvolvida e não se fica sabendo o que teria sido feito dela na vida adulta, ou seja, se foi uma mulher enigmática e dissimulada, tal como Capitu, sobre quem pesa até hoje uma presumida infidelidade conjugal, como seria de se depreender de suas atitudes na adolescência e juventude. Ou se foi sibilina, dotada de estranhos poderes, tal como a profetisa Quina, com alto poder de manipulação de pessoas e situações. Apesar disso, o que se pode concluir é que Bia foi tudo, a vida inteira, para o autor/narrador.

Assim, ao leitor só resta concluir ainda que o seu caráter já definido na adolescência teria levado o narrador a optar pela vida em silêncio, em quase total reclusão, sem passar a outros os seus sentimentos, preferindo direcioná-los a dois bichinhos. De Bia, tal como das protagonistas machadiana e agustiniana, é possível imaginar que seria mulher maquiavélica, capaz de com o gesto simbólico de oferecer uma flor, depois de uma serenata, fazer suscitar no possível pretendente devaneios sentimentais para, em seguida, sem o menor remorso, afastá-lo com um simples fechar de boca ou gesto de reprovação. Mas afirmar isto seria ir longe demais, até porque, provavelmente, para ele, o silêncio sobre Bia falasse mais alto do que tudo o que pudesse ter escrito sobre ela.

Portanto, a heroína leiradelliana surge como aquela que poderia ter sido e que não foi, para se repetir aqui um famoso verso de Manuel Bandeira, embora desde logo se perceba, a partir do fluir de recordações do narrador, a dissimulação como o traço distintivo do seu caráter, o que nos leva a concluir que seria uma espécie de Capitu portuguesa em formação. Em resumo: neste conto-romance, Leiradella, tendo vivido pelo menos metade de sua vida no Brasil, soube como unir o que de melhor cada variação do idioma português nos dois continentes poderia lhe oferecer, produzindo um texto sensível que se destaca pelo vigor da linguagem e por frases poéticas compostas pela habilidade de um verdadeiro artesão da palavra.

Adelto Gonçalves (1951), jornalista, é doutor em Letras na área de Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP) e autor de *Gonzaga, um poeta do Iluminismo* (Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1999), *Barcelona brasileira* (Lisboa, Nova Arrancada, 1999; São Paulo, Publisher Brasil, 2002), *Bocage, o perfil perdido* (Lisboa, Caminho, 2003; São Paulo, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo — Imesp, 2021), *Tomás Antônio Gonzaga* (São Paulo, Imesp/Academia Brasileira de Letras, 2012), *Direito e Justiça em terras d'el-rei na São Paulo Colonial* (São Paulo, Imesp, 2015), *Os vira-latas da madrugada* (Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1981; Taubaté-SP, Letra Selvagem, 2015) e *O reino, a colônia e o poder: o governo Lorena na capitania de São Paulo — 1788-1797* (São Paulo, Imesp, 2019), entre outros.



© Américo Rui Pacheco

Sou das serras.

Nasci na freguesia de São Paio de Brunhais, no concelho da Póvoa de Lanhoso, no norte de Portugal, quase fronteira com a Espanha, em 16 de novembro de 1934, entre neve, lobos, raposas e javalis. E contrabandistas, que ainda os havia naquele tempo.

Malófobo inveterado, aterrei no Rio de Janeiro no dia 21 de abril de 1958 com um lenço branco no bolso, um curso de Direito interrompido e uma cuca prestes a fundir-se. Não fundi a cuca, mas também não paguei analista. Escrevi.

Saboreador de um bom cachimbo e de um bom conhaque, sou sócio honorário de todas as fontes magnesianas que conheço. Resido atualmente na casa onde nasci, mas a minha obra sempre me fez, e ainda me faz um escritor brasileiro.

Apesar de ter nascido nas montanhas e me ter criado à sombra de florestas de pinheiros e carvalhos, sou um escritor urbano. Sempre foi do asfalto das cidades que retirei a essência e a vida dos meus personagens. Como não sei escrever sobre o que não conheço, o meu horizonte criativo termina sempre onde terminam os asfaltos.

O Eduardo da Cunha Júnior, personagem da maioria das minhas obras, que já foi um vendedor de livros em *Inúteis como os mortos*, que já foi um executivo em *O longo tempo de Eduardo da Cunha Júnior*, que já foi um dramaturgo em *Guerrilha urbana*, que já foi um jornalista em *Cinco dias de sagração*, que já foi um detetive particular em *Apenas questão de método*, que já foi um engenheiro em *O circo das qualidades humanas*, que já foi tantas e tantas coisas em tantos e tantos textos, e agora é um idiossincrático recluso em *Isto não é um romance*, é exatamente como eu, apesar de eu não ser como ele.

E eu não sou como ele, porque ele consegue ser, ao mesmo tempo,

tudo que eu não gosto de ser e sou, e tudo que gostaria de ser e não sou.
Coisa simples de entender, dado que o criador, apesar de criar a criatura,
não se pode criar a si mesmo.

Infelizmente.



direção editorial
Daniele Cajueiro

editora responsável
Mariana Elia

produção editorial
Adriana Torres
Laiane Flores
Mariana Lucena

revisão
Bárbara Anaissi
Mariana Gonçalves

capa, projeto gráfico de miolo, ilustrações e diagramação
Fernanda Mello
Angelo Bottino

produção do e-book
Ranna Studio

